



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

CARLOS DE MATOS BANDEIRA JÚNIOR

**“BATEAR A MEMÓRIA”: HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA DE EX-
TRABALHADORES DA GARIMPAGEM DE OURO NA AMAZÔNIA**

SANTARÉM, MARÇO DE 2018.

CARLOS DE MATOS BANDEIRA JÚNIOR

**“BATEAR A MEMÓRIA”: HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA DE EX-
TRABALHADORES DA GARIMPAGEM DE OURO NA AMAZÔNIA**

Trabalho apresentado como requisito de avaliação de Conclusão de Curso (TCC) para a obtenção de título de Bacharel em Antropologia. Universidade Federal do Oeste do Pará; Instituto de Ciências da Sociedade; Programa de Antropologia e Arqueologia;

Orientadora Prof.^a Dr.^a Lucybeth Camargo de Arruda

Santarém, março de 2018.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIGI/UFOPA

B214b Bandeira Júnior, Carlos Matos

“Batear a Memória”: histórias e trajetórias da vida de ex-trabalhadores da garimpagem de ouro na Amazônia / Carlos Matos Bandeira Júnior. – Santarém, 2018.

82 fls.: il.

Inclui bibliografias.

Orientadora: Lucybeth Camargo de Arruda

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia.

1. Garimpagem - Amazônia. 2. Memórias. 3 Trajetórias. I Arruda, Lucybeth Camargo de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 622.3422811

Bibliotecário - Documentalista: Giselle Pinheiro – CRB/2 596

Dedico esse trabalho a meus pais Carlos e Socorro, a meus irmãos Felipe e Keiliane, à minha adorada filha Sophia, à Izabela Mendonça e aos queridos amigos.

Agradecimentos

Inicialmente, agradeço ao Programa de Antropologia e Arqueologia da UFOPA em referência a todos professores que contribuíram e me inspiraram nessa caminhada acadêmica.

Sou imensamente grato a meus pais Carlos Matos e Maria do Socorro por todos os ensinamentos de vida.

Sou grato a meus irmãos Felipe de Lima Bandeira e Keiliane de Lima Bandeira por servirem de inspiração.

À minha amada filha por me tornar uma pessoa mais sensível à vida.

À Izabela Mendonça pelo companheirismo, carinho e incentivo compartilhado.

Aos meus tios e tias da família Bandeira e família Lima, em especial a Tia Eliana.

Aos meus amigos e companheiros de vida.

Ao meu avô Raimundo Lima Trindade.

À minha finada avó Feliciano Andrade (In memoriam)

À minha falecida bisavó Senhorinha que tive a honra de conhecer.

À D. Silvia, mãe da colega Manu, pelo tempo dedicado para construção deste trabalho.

E, por fim, agradeço aos senhores Babi, João Maranhense, Jovêncio, Alonso, Toim, Zé Luiz, Carlos Matos, Jacinto pela disponibilidade e paciência de narrarem suas memórias para construção desta pesquisa.

“Um ‘fela da puta’ desse não vivia no garimpo não!”
Carlos Matos

RESUMO

Esta pesquisa constitui-se como uma etnografia da memória de ex-garimpeiros, hoje residentes em Santarém-PA, que trabalharam nas lavras de ouro da região amazônica. Entre as décadas de 1960 e 1980, a Amazônia brasileira viveu a maior corrida do ouro da história do país, houve intenso movimento migratório de trabalhadores de todas as regiões do Brasil para a região amazônica. De modo geral, esse fenômeno produziu rearranjos territoriais e demográficos, promovendo transformações profundas nas relações sociais, culturais e econômicas da região. Na presente pesquisa, a análise das memórias ocorre a partir dos registros das narrativas biográficas dos ex-garimpeiros com objetivo compreender as dinâmicas sociais e culturais inerentes à garimpagem, bem como, refletir as emoções e os sentidos atribuídos pelos sujeitos sobre as experiências de vida elaboradas no garimpo. Percebeu-se no processo de análise o garimpo como lugar ambivalente aos narradores, pois hora narravam saudade da vida boa, alegre e ao mesmo tempo denotavam a um espaço violento e de trabalho pesado, sofrido suscetível a perder a vida a qualquer momento.

Palavras-chave: garimpo, garimpagem, Amazônia, memórias e trajetórias.

ABSTRACT

This research constitutes an ethnography of the memory of garimpeiros, now residents in Santarém-PA, who worked in the gold fields of the Amazon region. Between the 1960s and 1980s, the Brazilian Amazon lived the largest gold rush in the country's history, there was intense migratory movement of workers from all regions of Brazil to the Amazon region. In general, this phenomenon produced territorial and demographic rearrangements, promoting deep transformations in the social, cultural and economic relations of the region. In the present research, the analysis of the memories occurs from the records of the biographical narratives of the former garimpeiros with the objective to understand the social and cultural dynamics inherent to the garimpagem, as well as, to reflect the emotions and the senses attributed by the subjects on the elaborated life experiences in the garimpo. It was perceived in the process of analysis the garimpo as an ambivalent place to the narrators, because hour they narrated nostalgia of the good, happy life and at the same time they denoted to a violent space and of heavy work, suffered susceptible to lose the life at any moment.

Keywords: garimpo, garimpagem, Amazon, memories and trajectories.

Figura 1 - Sr. Toim, 80 anos, nascido na cidade de Frecheirinha, Ceará.	18
Figura 2 – Senhor Jacinto, nascido na cidade de Timbira, Maranhão.	19
Figura 3 – Sr. Alonso, 56 anos, nascido em Santarém – PA.....	19
Figura 4 – Senhor Jovêncio, maranhense, 72 anos.	21
Figura 5 – Sr. Jovêncio está ao centro rodeado pelas mulheres que trabalhavam em seu cabaré, na cidade de Marabá - PA. Fonte: Acervo pessoal.	21
Figura 6 – Carlos Matos, 53 anos, nascido na cidade de Vitorino Freire, Maranhão. ...	24
Figura 7 - Senhor Babi, 68 anos, nascido em Frecheirinha, Ceará.	25
Figura 8 – Sr. João Maranhense, 78 anos, oriundo do Maranhão.	25
Figura 9 – Sr. Zé Luiz com o cantor Bartô Galeno.....	27
Figura 10 – Comunidade de Livramento, localizada às margens do Rio Tapajós, na Vila de Miritituba, cidade Itaituba-PA.	36
Figura 11 - Travessia de balsa entre o porto de Itaituba e a Vila de Miritituba.	37
Figura 12 - Garimpeiros processando o ouro manualmente.....	50
Figura 13 Garimpeiro utilizando bateia para limpeza do ouro.	50
Figura 14 - Processo da queima do ouro para o separar do mercúrio.	51
Figura 15 - Garimpagem semimecanizada. Um trabalhador no bico jato, um operando a maraca e outros dois na limpeza do barranco.	54
Figura 16 - Momento da despescagem da “caixa”, o equipamento utilizado no processamento do ouro mandado dos barrancos pela maraca.....	54

Sumário

1.0	INTRODUÇÃO	11
2.0	CAPÍTULO I - “NO TEMPO DO GARIMPO”: PERCURSO METODOLÓGICO ENTRE AS MEMÓRIAS E NARRATIVAS	13
2.1	Tecendo o objeto	13
2.2	Caminho metodológico.....	16
2.3	História de vida: um método qualitativo de investigação	28
3.0	CAPÍTULO II – “SOFRER, O CABRA SOFRE BEM”: O TRABALHO E OS TRABALHADORES DA GARIMPAGEM DE OURO NA AMAZÔNIA.....	30
3.1	Sentidos atribuídos às migrações e a entrada ao garimpo.....	30
3.2	“O trabalho só é ruim para quem é mole”: processos, tecnologias e saberes aplicados à exploração do ouro.	43
3.3	Caracterização da garimpagem manual.....	44
3.4	Caracterização da garimpagem semi-mecanizada.....	51
4.0	CAPÍTULO III “O GARIMPO É BOM, MAS É MUITO PERIGOSO”: SENTIDOS AMBIVALENTES, CONFLITOS E NEGOCIAÇÕES SOCIAIS NO GARIMPO.	57
4.1	Mosaico de memórias	57
4.2	“No garimpo o cabra tem que ser macho”: solidão, masculinidade, trabalho e violência.	65
5.0	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
6.0	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78
7.0	GLOSSÁRIO.....	82

1.0 INTRODUÇÃO

Este estudo de caráter etnográfico, realizado em Santarém-Pa, tem como objetivo compreender a dinâmica social e cultural que organizou a garimpagem de ouro na região amazônica, bem como, analisar as emoções, os sentidos atribuídos pelos sujeitos que viveram experiências de vida elaboradas nos garimpos da região da Amazônia brasileira.

Entre as décadas de 1960 e 1980 marca um período de transformações na estrutura cultural da região amazônica produzidas por políticas estatais de ocupação e integração territorial, ampliação da garimpagem como um importante modo de produção na absorção de mão-de-obra e o significativo aumento da exploração de ouro com as descobertas de garimpos no Tapajós. Além de terem ocorrido, também, as principais transformações técnicas e tecnológicas que potencializaram a capacidade de extração aurífera, consubstanciada ao que os autores denominam a partir do ano de 1979 até meados da década de 1980, como a maior corrida do ouro sucedida no país.

Segundo Cleary (1992, p.3), a garimpagem, embora estivesse baseada numa estrutura informal, chegou a movimentar bilhões de dólares. Os garimpos informais obtiveram participação expressiva na produção de ouro no país, representando 86,3% do total em 1983, superando a extração das mineradoras do setor formal. A população garimpeira na região foi estimada no ano de 1980 em torno de 200 mil pessoas.

No entanto, historicamente, a garimpagem se reproduziu em conflito com as forças estatais com todo o seu aparato legal burocrático e as pressões do mercado do setor formal de mineração. Essa relação de forças desiguais, relegou à garimpagem e aos garimpeiros a sobrevivência na marginalidade e o aspecto de uma formação social oculta, que para permanecerem vivos necessitaram estar invisíveis às autoridades (Cleary, 1992, p.27).

Elmer Prata Salomão (1984, p.48) salienta que o desenvolvimento da garimpagem na Amazônia, entre 1958 e 1979, ocorreu praticamente sem a presença de órgãos do estado, fator que possibilitou a consolidação de uma estrutura social “amparada em regras de comportamento e em princípios éticos

aceitos pela comunidade, sendo estes grandes elementos equilibradores das relações de produção garimpeira”.

No sentido de refletir esses processos pelos subterrâneos (Pollak, 1989), utiliza-se como principal fonte para reflexão, no presente estudo, as memórias dos trabalhadores garimpeiros, reproduzidas por meio de narrativas e discursos biográficos, com o propósito de produzir uma história das sensibilidades (Bosi, 2003) de um importante momento de transformações econômicas e culturais vivenciadas na Amazônia.

Essas abordagens se mostram potentes por dois fatores: 1) Dar-se ao fato dos sujeitos que participaram do contexto histórico estarem ainda vivos e poderem elaborar discursos a partir da própria experiência e trajetória; 2) Por trabalhar o conjunto de memórias silenciadas mediante o jogo de disputas de memória no contexto oficial, possibilitando a construção de uma narrativa para além da perspectiva histórica política administrativa narrada pelos grupos hegemônicos.

O texto está estruturado em três capítulos. No capítulo I “No tempo do garimpo: percurso metodológico entre as memórias e narrativas” propõe-se dispor ao leitor os aspectos da metodologia e dos métodos de construção da pesquisa, bem como, as motivações que conduziram a procurar compreender, numa perspectiva da Antropologia, as relações, as trajetórias dos trabalhadores da garimpagem de ouro na região Amazônica.

No segundo capítulo, “Sofrer, o cabra sofre bem: o trabalho e os trabalhadores da garimpagem de ouro na Amazônia” são abordados o contexto das migrações dos trabalhadores em direção à região amazônica, no qual é traçado um paralelo entre a história das diversas políticas de ocupação dessa região e os sentidos atribuídos pelos senhores que vivenciaram esses processos.

Ainda nesta etapa do texto, trato sobre as motivações que encaminharam os narradores para o trabalho no garimpo, além de tocar sobre questões dos sentidos do trabalho na faina garimpeira para esses senhores. Neste capítulo ainda, é apresentado os saberes, processos, as técnicas e as tecnologias utilizadas para extração do ouro.

No último capítulo, é discutido sobre como as memórias narradas são constituídas de modo ambivalente, apresentando o sentimento de saudade

de uma vida no garimpo alegre, liberta, com farta alimentação da mata e ao mesmo tempo com reconhecimento da extrema violência e de um trabalho árduo e penoso.

Ainda neste capítulo, é levantada discussão a respeito relação de consumo entre os garimpeiros. Vários relatos conduziram a essa direção ao traçarem análise comparativa de inúmeros garimpeiros que foram ricos, bamburrados, e hoje na velhice encontram-se pobres.

Outras discussões apresentadas foram em relação a constituição da identidade masculina como hegemônica nos espaços e como esta perpassa por vários aspectos da vida, constituindo códigos de conduta como a honra do homem garimpeiro e, inclusive, incidindo como motivação para diversas práticas de violência relatadas.

As questões aqui apresentadas foram pautadas nas memórias de nove ex-garimpeiros residentes em Santarém-Pa. Inicialmente pensou-se em trilhar um caminho analítico sobre as relações de trabalho, porém, no decorrer da pesquisa, perceberam-se outras possibilidades de recorte mais pertinentes para reflexão comunicadas pelos sujeitos. As pontuações situadas neste estudo possuem caráter inicial e serão mais bem aprofundadas em pesquisa subsequente no Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade (PPGCS), em que serão ouvidos novos interlocutores em Santarém e em Itaituba, município com uma história muito particular com a garimpagem de ouro na região do Tapajós.

2.0 CAPÍTULO I - “NO TEMPO DO GARIMPO”: PERCURSO METODOLÓGICO ENTRE AS MEMÓRIAS E NARRATIVAS

2.1 Tecendo o objeto

O tema garimpo me gera curiosidade muito antes da entrada na universidade para cursar Antropologia. Quando criança, época do racionamento de energia no país, papai deitava em uma rede ao fundo do

quintal e contava várias histórias da sua vida para mim e meu irmão, éramos embalados pelo balançar da rede e as narrativas de nosso pai.

Ele contava numa riqueza de detalhes impressionante a sua época de criança no Maranhão. Relatava muitos episódios de sofrimento e pobreza. Lembrava do trabalho que a tinha ao cuidar de sete meninos. Dizia que a “munganga”¹ o acompanhava desde à infância. Contava que devido à fome que passou quando criança, certa vez, entrou em estado de alucinação e via o coração voando e gritava para a mãe: “Olha, mãe, está voando, o meu coração!”.

Contava como ocorreu a migração de toda a família ao Pará, como aprendeu a fotografar (profissão que segue até hoje), relatava sobre a experiência como de caixeiro viajante, os momentos que se aventurou no ramo da pintura mesmo sem saber pintar, a saída de casa aos quinze anos de idade, os pequenos golpes que aplicava em praças para garantir a sobrevivência, como “Chula”² e “Maria Pretinha”³, os momentos de fome e noites ao relento. Lembrava com mágoa a época que morou com a irmã mais velha e o mau trato sofrido. Narrava como foi que entrou para trabalhar em garimpo e o sofrimento passado nos dias de ataque de malária.

Lembro que ele narrava com emoção singular o episódio em que estava no garimpo, sofrendo sem conseguir tirar ouro, e já com malária, foi à corrutela e viu um pequeno avião aterrissar. Chegou ao piloto e o ofereceu o que tinha naquele momento para que lhe levasse até Itaituba. Contara que o piloto aceitou e o deixou na pista do aeroporto da cidade.

Essa memória fora tão marcante, que parecia deslocar-se no tempo ao enveredar e esmiuçar em detalhes a cena vivida. Lembrava que trajava apenas um calção curto, fino, verde de time de futebol. A ânsia de

¹ Ele descreve a munganga como um mal estar, com sensação de aceleração do coração, uma agonia.

² A venda de frascos de perfumes com água tingida com papel crepom. Para o sucesso da venda somente a borda do vidro continha fragrância de perfume original.

³ A jogatina consiste em fazer com que os apostadores encontrem uma bolinha supostamente escondida sob uma de três tampas dispostas sobre uma caixa.

chegar em casa era tanta que não fez questão de buscar os outros pertences, todos deixados no barraco do baixão. Caminhou a pé do aeroporto de Itaituba até sua asa, distante por volta de sete quilômetros. Sua chegada, mesmo em condições péssimas (sujo, doente, fraco, sem dinheiro) causou imensa surpresa e felicidade à mãe, minha vó Josefa.

Todas essas histórias iam constituindo meu imaginário sobre a figura do meu pai. Na época, não tinha dimensão de todas as adversidades que tinha passado na vida e, muito menos, que outras pessoas teriam histórias tão parecidas como a dele em nossa região.

Já na adolescência, quando comecei a trabalhar com fotografia profissionalmente (ofício ensinado por ele) e, sempre com um olhar fotográfico voltado para cenas do cotidiano, foi que comecei experimentar outros contatos, com outras pessoas. Nesses encontros, durante saídas fotográficas na cidade de Santarém e nas conversas com desconhecidos, era comum surgir alguma história relacionada ao garimpo. Esses relatos foram reforçando minha curiosidade experimentada na infância através das memórias de meu pai.

Foi quando no ano de 2011, já no término da graduação em Comunicação Social – Publicidade fui convidado pela Professora Dra. Luciana Carvalho para produzir fotografias para o livro “Memória de Trabalho: balateiros de Monte Alegre”, na cidade de Monte Alegre – Pará. Foi uma experiência incrível. Ouvimos e fotografamos diversos balateiros, personagens e histórias que até aquele momento eram invisíveis a mim. A participação nessa pesquisa foi um divisor de águas, pois foi o momento no qual decidi cursar o recente e desconhecido curso de Antropologia na Universidade Federal do Oeste do Pará, com objetivo de aliar a teoria da Antropologia ao meu trabalho na fotografia e produção de documentários.

Passados alguns anos já como discente em Antropologia, chegou o momento de pôr em prática as leituras acessadas durante a graduação e produzir o trabalho de conclusão de curso. Diversas possibilidades de análises vieram à mente, mas todo aquele imaginário

constituído na infância e em outros encontros durante a vida me fez direcionar a atenção, agora como iniciante no universo da pesquisa antropológica, para o campo da garimpagem com a intenção de compreender e refletir o que representou essa atividade na região amazônica, bem como, saber quem eram os sujeitos e o que eles têm a falar, buscando nas subjetividades das emoções conexões para refletir as práticas e os valores intrínsecos ao modo de organização social garimpeiro.

2.2 Caminho metodológico

Esta pesquisa pretende-se uma etnografia da memória. Memórias de sujeitos que empreenderam parte significativa da vida nos garimpos amazônicos em busca muito além de extrair ouro, mas principalmente de realizar sonhos e obter condição digna para si e para suas famílias, enfrentando verdadeiras odisséias em suas trajetórias de vida.

Do ponto de vista metodológico, pensou-se em atuar na perspectiva de Bosi (1994), colocando-se na condição de sujeito e objeto. Sujeito quando elabora questões e objeto quando se põe na posição de ouvinte e canal de registro das memórias construídas pelos interlocutores.

Pautado na relação de confiança e respeito, e no intuito de dirimir ao máximo as possibilidades de uma comunicação entremeada de violências simbólicas, buscou-se construir espaços de fala que favorecesse à vasão das emoções via as memórias narradas, considerando a linguagem dos sujeitos e os momentos de desejo de falar como pontos essenciais da relação construída nas entrevistas.

Outro elemento que contribuiu imensamente a este aspecto foi à presença de Carlos Matos (meu pai) na maioria das entrevistas. A

proximidade da comunicação e da partilha de experiências em comum serviu de gatilhos de memórias a respeito de inúmeros assuntos. A presença de Carlos Matos foi marcante também em outras fases do processo de construção deste trabalho, principalmente como uma espécie de tradutor sobre as condutas garimpeiras. A experiência das reflexões produzidas nesta etnografia conecta-se ao que Clifford (2002) aponta como desintegração da concepção da autoridade etnográfica no século XX, e não cabe pensar o etnógrafo como alguém capaz de fazer emergir a história do outro como se propôs Malinowski em *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1914). Muito pelo contrário, o caminho a ser trilhado é o de conceber um mundo de etnografia generalizada, pois as pessoas interpretam os outros e a si mesmas em uma profusão de idiomas (Clifford, 2002,p.19)



Figura 1 - Sr. Toim, 80 anos, nascido na cidade de Frecheirinha, Ceará. Ele veio ao Pará no contexto das políticas de ocupação territorial da Amazônia. Conta não possui instrução escolar, mas orgulha-se de escrever o nome sem precisar de ajuda e, também, do vigor físico, apesar da idade.



Figura 2 – Senhor Jacinto, nascido na cidade de Timbira, Maranhão. A primeira vez que veio ao garimpo na região Amazônica foi por volta de 1978 e só retornou para sua família três anos depois.



Figura 3 – Sr. Alonso, 56 anos, nascido em Santarém – PA. Hoje trabalha como mestre de obras e carpinteiro.

Esta pesquisa materializa-se sobre trajetórias de vida de oito homens, com idades entre 50 e 75 anos, quatro vindos do Maranhão, quatro do Ceará e dois do Pará, que se propuseram a narrar memórias e compor os diversos quadros sociais (Halbwachs, 1968) vividos, principalmente os constituídos durante o percurso nos garimpos amazônicos. Vale ressaltar, que essas oito pessoas aceitaram o registro de suas narrativas, mas ocorreram escutas a outros ex-garimpeiros que se disponibilizaram a conversar de maneira mais informal e que foram também essenciais no processo da produção em questão.

As narrativas dos garimpeiros que trabalharam na extração de ouro da Amazônia entre as décadas de 1960 e 1980 e que hoje, já aposentados do ofício, residem em Santarém-Pará, mostraram-se potentes fontes para a reflexão de uma realidade multifacetada (Thompson, 1992, p.25) manifestando a subjetividade, as emoções e os silêncios das experiências individuais e do universo social desses sujeitos.

Neste aspecto, concorda-se com Halbwachs (1968) que por mais que o indivíduo tenha vivido um fato, um acontecimento de maneira solitária, ele nunca estará só, pois carrega consigo as noções e sentidos dos grupos aos quais pertence, portanto, seu modo de perceber os acontecimentos e constituir sua memória está estritamente ligado à maneira como o grupo pensa coletivamente.



Figura 4 – Senhor Jovêncio, maranhense, 72 anos. Entrou para a garimpagem de ouro no ano de 1965. Foto: Carlos Bandeira Jr.



Figura 5 – Sr. Jovêncio está ao centro rodeado pelas mulheres que trabalhavam em seu cabaré, na cidade de Marabá - PA. Fonte: Acervo pessoal.

Pensando nesta perspectiva, as narrativas dos senhores garimpeiros assemelham-se às trabalhadas por Carvalho (2013, p.92) junto aos balateiros de Monte Alegre, Pará. A autora percebeu que os relatos apresentavam as experiências individuais e o mundo social dos entrevistados, e eram capazes de informar tanto sobre a individualidade do narrador, como também, possibilitar condições para compreensão ampla dos fenômenos sociais.

Por exemplo, no caso das memórias produzidas pelos garimpeiros, as questões postas em análise como a percepção da masculinidade como norteadora para diversas condutas sociais, a construção de uma honra masculina atrelada à violência e as ambivalências acerca do garimpo como um espaço agradável, divertido, mas ao mesmo tempo o reconhecimento de um trabalho penoso e suscetível a crimes, são as experiências individuais, mas amparadas a um coletivo, e nos fornecem algumas dimensões dos fenômenos sociais do grupo garimpeiro.

Em relação à memória, Candau (2005, p.59) destaca que ela está presente em cada instante da vida. Para este autor, tudo o que existe de algum modo está conectado ao passado e, por isso, foi memorizado. Lembra que a vida cotidiana, o universo doméstico, profissional, constitui o primeiro quadro social da memória, segundo ele, presente em todas as sociedades.

Para o autor (Ibidem, 2005), a memória pode ser encarada como o conjunto de técnicas de memorização e recordação. Compreende também que as sociedades produzem diferentes técnicas de memorização, baseadas em distintos instrumentos como som, imagem, objetos, seminários, manuais etc. Durante os registros das lembranças percebeu-se que a memória dos garimpeiros está assentada principalmente nas histórias orais e em algumas poucas fotografias que os ajudam no processo de reflexão do passado no presente.

A respeito do tempo e espaço, o autor (ibidem, 2005, p. 62), os percebe como categorias estritamente ligadas à memória, são os elementos que articulam a profundidade da lembrança e variam de

sociedade para sociedade e mesmo no interior de uma mesma sociedade, sendo construções específicas dos grupos que os constroem.

Esses elementos podem ser vistos na clássica obra antropológica “Os Nuer”. De acordo com Pritchard (1940), os Nuer pensam o tempo em relação ao seu ambiente baseando-se nas mudanças da natureza e suas memórias e projeções de futuro são tecidas em relação às transformações no espaço. Este autor discorre o tempo Nuer como um tempo ecológico e cíclico.

O tempo pode ser representado de diversas maneiras e são essas representações que vão fundamentar a busca memorial. Segundo Candau, o tempo pode ser cíclico, como no caso Nuer e outras populações (principalmente indígenas da América), pode ser reversível, contínuo e linear. Dadas as especificidades das elaborações de tempo, espaço os atos de memória devem ser analisados à luz das representações temporais próprias da sociedade, grupo considerado.

Halbwhacs (1968) pensa na perspectiva da divisão social do tempo. Seguindo o pensamento durkeiminiano, visualiza o tempo como uma convenção e costume social externa ao indivíduo, que é solicitado a enquadrar-se nas divisões, durações desse tempo que é posto socialmente. Para ele, a representação coletiva do tempo é baseada nos fenômenos naturais, astrofísicos, mas principalmente nas próprias elaborações sociais de cada grupo, como eventos marcantes, datas importantes, nascimentos, tradições, fatos em geral utilizados como organizadores do tempo.

Seguindo os pensamentos de Candau (2005) e Halbwhacs (1968), o tempo levado em consideração é o representado pelo grupo de trabalhadores da garimpagem ouro, pois suas experiências e trajetórias os constituem enquanto grupo social, pois continuam a pensar e lembrar em comum e isso é possível se fazem parte da mesma sociedade, fato que Halbwhacs (1968) considera como a maneira com que se pode reconhecer e reconstruir uma lembrança.



Figura 6 – Carlos Matos, 53 anos, nascido na cidade de Vitorino Freire, Maranhão. Carlos entrou para o trabalho. Foto: Felipe Bandeira



Figura 7 - Senhor Babi, 68 anos, nascido em Frecheirinha, Ceará.
Foto: Carlos Bandeira Jr.



Figura 8 – Sr. João Maranhense, 78 anos, oriundo do Maranhão.
Atualmente João Maranhense trabalha como agricultor na zona rural de Santarém.
Foto: Carlos Bandeira Jr.

Halbwachs (1968, p.90) lembra que um homem para evocar seu passado tem necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Esse ponto ficou evidente na entrevista realizada junto aos ex-garimpeiros Babi (68 anos) e João Maranhense (76 anos). Os dois mantêm amizade de vizinhança na comunidade rural de Tipizal, Santarém – Pará, e partilham a memória social do período de trabalho nos garimpos amazônicos. Por uma questão de segurança moral frente à câmera, os dois optaram por narrarem suas memórias juntos, um em apoio ao outro. O resultado foi extremamente interessante pela profusão de lembranças acionadas em um a partir do discurso do outro. As narrativas desses homens reconstituem quadros sociais de memórias do período vivido nos garimpos, quadros esses possíveis de reestabelecer se amparados nas memórias de outros (Candau, 2005, Halbwachs, 1968).

As lembranças da infância, do cotidiano, estratégias para uma vida segura nos espaços de garimpo, os relatos dos diversos episódios de violência, assassinatos, chacinas, ameaças, brigas, trabalho e lazer, mulheres, família, solidão, sofrimento, ataques de malária, perrengues, bamburros⁴ e brefos⁵, constituem alguns dos quadros de memória que serviram de base para o surgimento das recordações do grupo de garimpeiros aqui trabalhado.

⁴ Escavar barranco rico em ouro; ficar rico no garimpo.

⁵ Estar pobre, sem condições financeiras no garimpo.



Figura 9 – Sr. Zé Luiz com o cantor Bartô Galeno.

2.3 História de vida: um método qualitativo de investigação

História de vida é uma forma investigativa de pesquisa que produz informações descritivas e interpretativas mediante o que as pessoas narram ou escrevem com suas próprias palavras (Cordero, 2012). O método de história de vida fornece ao pesquisador a possibilidade de conhecer e questionar como as pessoas criam e refletem o mundo social.

En sentido, la historia de vida, como investigacion cualitativa, busca descubrir a relacion dialetica, la negociacion cotidiana entre aspiracion y posibilidad, entre utopia e realidade, entre criacion y acepcion, por ello sus datos provienen de la vida cotidiana, del sentido común, de las explicaciones y reconstrucciones que el individuo efectúa para vivir y sobrevivir diariamente (Cordero, 2012, p. 50).

Mayra Chárriez Cordero (2012) aponta que o método biográfico se materializa na história de vida e é utilizado na pesquisa qualitativa pela capacidade de possibilitar a compreensão, com profundidade, das dinâmicas do comportamento humano. Nesse aspecto, a história de vida se diferencia de outras abordagens sociais de caráter positivo, pois são as subjetividades, as emoções do sujeito o elemento principal para a construção da análise científica (Diógenes, 1996, p. 99).

Hernández (2009) entende que o método história de vida não objetiva escrever a biografia de uma ou várias pessoas, mas sim que o pesquisador conduza, com rigor metodológico, a perspectiva do sujeito ou sujeitos sobre o fenômeno social tratado, no caso deste trabalho a condução se coloca a respeito do universo social constituído nas relações, teias de solidariedade, conflitos estabelecidos, na garimpagem de ouro na região amazônica.

A utilização da história de vida pressupõe contato, o estabelecimento de uma relação de proximidade e envolvimento entre pesquisador e narrador/interlocutor, portanto, está implícito a esse

processo um encontro de subjetividades. Clifford (2002) chama atenção para a sensibilidade do trabalho de campo etnográfico, pois a observação participante obriga seus praticantes a experimentar física e intelectualmente os vícios da tradução, além de exigir esforço para “aprendizado linguístico, grau de envolvimento direto e conversação e frequentemente um “desarranjo” das expectativas pessoais e culturais”(Clifford, 2002).

Levantada essa questão, é necessário reconhecer e olhar de um ponto de vista crítico esse contato entre entrevistador e interlocutor, dado ao fato que ambos circulam em distintos mundos, classes e grupos sociais e se diferenciam em diversos aspectos da vida. Bourdieu (1997) entende que esse encontro é marcado pela violência simbólica e que esse elemento pode interferir diretamente nos conteúdos das respostas.

Bourdieu (1997) afirma que o pesquisador deve ter em mente os efeitos que isso pode gerar na relação da entrevista e menciona o dever de buscar elementos para uma comunicação não violenta nesse processo de intrusão que baseia essa troca.

Compreendendo as dimensões que envolvem essa relação e com vistas a diminuir essas distorções, busquei no contato esclarecer de que se tratava a pesquisa, como poderia ser importante a voz de alguém que viveu a garimpagem na região, bem como, demonstrar o valor da história individual de cada narrador. Procurei também, compreender a linguagem, os termos empregados pelos garimpeiros para deixar o diálogo fluido e demonstrar meu interesse no que era dito.

Ocorreu também inspiração no trato com o os entrevistados a partir dos ensinamentos de Bosi para a construção de uma “entrevista ideal”. A autora Bosi (2003) compartilha em “Tempo Vivo da Memória” um capítulo de orientação/sugestão ao jovem pesquisador que pretenda adentrar no universo da pesquisa social. Das suas sugestões destaco algumas fundamentais para o processo subjetivo de encontro entre eu e os velhos garimpeiros.

Bosi (2003) destaca, com ênfase, a importância de o pesquisador antes do encontro com o depoente obter o máximo de informações a respeito do que será abordado, pois isso incentiva as respostas. Segundo a autora, a entrevista ideal é aquela que permite a formação de vínculos de amizade. Esse fato se coloca ao pesquisador para que relação não seja passageira e tenha responsabilidade durante o processo de tradução mencionado por Clifford (2002), pois as pessoas abrem suas casas, narram sentimentos, emoções, dores, alegrias e perspectivas de vida.

A autora (ibidem, 2003) chama a atenção para a sensibilidade que o pesquisador deve ter com a pessoa que narra, pois as falas são elaboradas com ruptura, são fragmentadas, emotivas e esses elementos são repletos de significados, assim como o silêncio, que para Bosi (2003) deve ser correspondido pelo pesquisador também com silêncio, para que não caia no erro de suposições facilmente acomodadas no discurso ideológico.

Considero o encontro (pesquisador/narrador) foi construído com sensibilidade, respeito tecidos em relações atravessadas de emoções para ambos os lados. Bosi (2003), com sabedoria, menciona que narrador e ouvinte participarão de uma aventura comum e provarão, no final, de um sentimento de gratidão. “O ouvinte pelo que aprendeu e o narrador pelo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes.” Posso afirmar que as sábias palavras da autora se puseram em prática no percurso desta pesquisa.

3.0 CAPÍTULO II – “SOFRER, O CABRA SOFRE BEM”: O TRABALHO E OS TRABALHADORES DA GARIMPAGEM DE OURO NA AMAZÔNIA.

3.1 Sentidos atribuídos às migrações e a entrada ao garimpo

As trajetórias dos trabalhadores do garimpo são marcadas por diversos processos migratórios associados a diversos sentidos atribuídos para a decisão dos deslocamentos. Percebe-se acentuado volume de trabalhadores vindos das cidades do Nordeste em direção à Amazônia sob o discurso de melhoria de vida. Aliás, os pontos em comum nas histórias narradas são: a origem pobre e as dificuldades de subsistência da família no trabalho de lavoura, sofrimento, pobreza e a busca de um lugar em que se pudesse encontrar a melhoria de vida pretendida.

Ponto importante a salientar é que, nos discursos dos sujeitos, os motivos dados aos deslocamentos pouco são conectados às ações governamentais de desenvolvimento e ocupação da Amazônia. O único narrador a relatar influência da ação estatal incidindo diretamente para sua migração foi o Sr. Toim, 80 anos, nascido em Frecheirinha, Ceará. Ele relatou que veio ao Pará em um navio, patrocinado pelo Governo Federal, com uma leva de nordestinos fugidos da seca de 1958.

Rapaz, eu vim jogado ai num navio, o governo estava jogando gente naquele tempo, em 1958, por causa da seca. Viemos jogados ai, uns ficaram em Belém, outros ficaram em Santarém, outros foram para o rumo do Amazonas. Espalharam-se por aí. Eu fiquei aqui e ainda estou. Criei a família toda aqui. Eu juntei com a mulher que tinha sete filhos. Foram criados como meus filhos, mandei educar como meus filhos, estão todos criados. A mulher depois morreu, ficou só a família, todos casados. (Sr. Toim, dez/2017)

Apesar das indicações das motivações às migrações não estarem diretamente relacionadas às ações estatais nas narrativas dos sujeitos, Becker (2009, p.25), destaca que a partir da década de 30 do século XX, houve forte ação do Estatal no processo de ocupação da Amazônia fomentado pelo planejamento governamental, com a intervenção sobre a economia e sobre o território. De acordo com a autora, esse processo toma corpo ainda no governo de Getúlio Vargas, com os programas “Marcha para Oeste”, criação da Fundação Brasil Central e a implementação do Programa de Desenvolvimento para Amazônia. As políticas desenvolvimentistas ganham pujança no governo de Juscelino Kubistchek, em que ações efetivas impactaram a região com investimentos em energia e construção de uma malha rodoviária de integração regional, como a abertura das rodovias Belém-Brasília e Brasília-Acre.

A respeito da política de ocupação do território amazônico pelos trabalhadores nordestinos, Verônica Secreto (2007) realiza análise sobre o suporte ideológico ao qual se baseou as práticas do Estado ao conceber a região amazônica na perspectiva de “espaços vazios”. A autora aponta a identificação no governo Vargas da necessidade da ampliação do mercado interno para romper com a dependência das importações e para que isso se efetivasse seria necessária potente atuação do estado em investimentos nas áreas de infraestrutura, malha viária e incentivo da mobilidade da fronteira integrando os “espaços vazios”. A autora coloca que a ideologia do bandeirantismo teve papel central na conduta dessas ações.

Verônica Secreto (2007), em sua análise, indica que houve uma elite intelectual articulando no governo Vargas esse projeto. Estimulado pela concepção da necessidade de inclusão do trabalhador rural aos moldes do trabalhador urbano, com acesso a direitos, salários, sindicato e, isso, seria fundamental na mitigação das tensões no campo, bem como, solucionaria o problema da pobreza a qual assolava as populações da região nordeste.

Essas interpretações consumaram-se no programa “marcha para oeste”, projeto de colonização da Amazônia pela fixação do sertanejo nos territórios do interior. Houve densa construção de discurso via propaganda governamental para a adesão da população às proposições de tal projeto. Aos habitantes da região amazônica era apregoado o discurso de desenvolvimento e integração ao território brasileiro, e aos nordestinos era prometida uma vida melhor, terra farta, distante das agruras, e ainda, intitulava-o simbolicamente como representante do homem trabalhador e responsável pela transformação do Brasil.

Note-se, que essas ações de fato produziram intensa atração de pessoas para a Amazônia, tanto que a população que era de 2.601.519 habitantes em 1960 e saltou para 4.197.038 em 1970 (Lureiro, Pinto, 205, p.77). Da Silva Neto (2014) e Salomão (1984) destacam que o aparato estrutural elaborado pelas políticas de integração da Amazônia contribuiu decisivamente sobre as migrações da população nordestina em direção à região amazônica constituindo diversas frentes de expansão neste território. No

caso, Silva Neto (2014) analisa a frente da economia do carvão e do coco babaçu, no Araguaia-Tocantins e Salomão (1984) e a economia da extração do ouro, na região do Tapajós.

É necessário salientar de que as políticas de ocupação territorial são continuadas durante o governo militar (1964) e decaem somente em 1985 diante do esgotamento do nacional desenvolvimentismo e o surgimento de novos atores sociais locais e internacionais sobre uma nova fronteira amazônica com base na luta pelo direito a terra e proteção ambiental (Becker, 2009).

Outro ponto importante a ser destacado, é que todas as políticas consumadas sobre a Amazônia brasileira, por não levarem em consideração as especificidades da população e seus processos históricos, produziram conflitos, impactos ambientais e não proporcionou condições de vida digna tanto para as populações endógenas quanto para as que vieram em processos migratórios de outras regiões. Essa ineficácia deixou milhares de trabalhadores inseguros diante de um contexto de baixíssima absorção de mão-de-obra e sem a infraestrutura mínima para a comercialização da produção agrícola, elementos que contribuíram para o direcionamento dessas pessoas para outros modos de produção para garantir o próprio desenvolvimento (Salomão, 1984, p.54).

Nesse contexto, juntamente com a descoberta de ouro, em 1958, no Rio das Tropas, afluente Rio Tapajós e posteriormente em vários outros polos garimpeiros da região (Salomão, 1984, p. 48), a garimpagem de ouro adquire papel fundamental na atração de mão de obra que, com o tempo, passou a ser uma frente de expansão autônoma na atração de trabalhadores em busca de melhores condições de vida.

Cleary (1992) aponta que um dos elementos a fazer da garimpagem de ouro um modo de produção de grande interesse, foi que a partir do final do ano de 1979 e início dos anos 1980, aliado à elevação do preço do ouro nos mercados internacionais e da descoberta do garimpo de Serra Pelada, na região de Carajás, ocorreu maior corrida do ouro da história do país, intensificando ainda mais os movimentos migratórios e produzindo com maior intensidade modificações internas na economia das cidades.

O autor destaca que a garimpagem, mesmo assentada na informalidade, movimentou e movimenta milhões de dólares. Esse fato, é mais facilmente entendido a partir das estimativas da produção e do número de trabalhadores atuando na extração do ouro. Entre 1968 e 1979 as taxas de participação das lavras informais apresentou alto crescimento, chegando em 1978 a representar 57,2% da produção nacional,⁶ mesmo sendo reconhecido que os números apresentavam-se bem abaixo do real devido ao contrabando do minério. Estimou-se que a quantidade de garimpeiros na região no ano de 1980 girou em torno de 200 mil⁷.

Essas foram às condições estruturais que fomentaram os processos de migração em direção da região amazônica, aceleradas a partir do governo Vargas (1930) e que trouxeram, como efeito, o redimensionamento das fronteiras e o alavanque do avanço das frentes de expansão sobre esse território, no caso aqui analisado, a frente econômica da mineração de ouro de pequena escala⁸.

Analisaremos, a partir deste momento, os sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos sobre as motivações que os impulsionaram a deixar suas cidades natais em direção à outra região, ou mesmo sem mudança de região/estado, quais os elementos envolvidos na decisão à entrada ao trabalho no garimpo de ouro.

O Sr. Jovêncio, Maranhense, 72 anos, relatou a perda dos pais ainda criança e o sofrimento passado durante a criação dada pelos tios. Conta ele que apanhava muito e tinha que trabalhar pesado no corte de lenha, fato que o fez sair de casa ou “*tomar contas das vendas*” aos doze anos de idade. O primeiro deslocamento que realizou foi para a capital maranhense, a cidade de Imperatriz, lugar onde casou pela primeira vez e logo se direcionou para Marabá, Pará. Até esse momento da vida, a atividade de trabalho era na lavoura e na juquirá⁹. Trabalhava no regime de diária como peão. Não contou quanto tempo ficou em Marabá, mas que lá constituiu patrimônio como gados,

⁶ Salomão, 1984, Apud. Anuário Brasileiro (DNPM, 1976 a 1980)

⁷ Cleary, 1992 apud. Departamento Nacional de Produção Mineral.

⁸ Nesta análise, são tratadas de maneira distinta a garimpagem industrial e semi-mecanizada ou de pequena escala realizada nos garimpos.

⁹ Etapa de trabalho de derrubada do mato para realizar a plantação.

casas de aluguel, fazenda. Após a separação da primeira esposa e o casamento com a segunda, direcionou-se ao Piauí. Relatou o insucesso no trabalho neste local e com o conhecimento mínimo sobre o trabalho no garimpo, no ano de 1965, entrou por conta própria para o garimpo Fazenda do Mamuí, no regime de trabalho manual

Eu já tinha minhas oito casas de aluguel. Dei uma casa pra Maria José para ela botar os filhos dentro, aí fomos tocar nossa vidinha. Foi nesse período que fui para o garimpo, isso foi numa base de 1965. Eu fui tocar um garimpo por minha conta, lá mesmo por perto toquei uns garimpos, no manual. Escavava de peula¹⁰, bateava, lavava no coxim assim de mamuí¹¹. A gente faz o coxim para jogar água dentro, naquela água vai escorrendo e vai lavando o ouro. Isso eu já sabia fazer. Foi aí que começou minha vida de garimpeiro. A Maria tocava o cabaré e eu tocava os garimpos (Sr. Jovêncio, fev/2016).

Outro interlocutor, Carlos Matos, 53 anos, Maranhense, migrou pela primeira vez juntamente com a família. Eles saíram da cidade de Vitorino Freire para uma comunidade denominada Jenipapo, dentro do mesmo estado. Nesse local, adquiriram terra para viver da lavoura, porém, na época, o político José Costa Cavalcante, de Pernambuco, grande latifundiário e grileiro, segundo o narrador, comprou inúmeras fazendas na localidade e a de sua família foi vendida. Desse período, rememorou que a pistolagem era comum naquela região. Questionado se caso o pai não se dispusesse a vender a terra, a resposta foi clara: “eles forçavam com pistoleiros”.

O próximo deslocamento ocorreu a pé, de Jenipapo para a comunidade chamada Centro do Gavião, às margens da rodovia PA70. Essa mudança foi apenas uma paragem até o aguardo do recebimento da quantia da propriedade vendida. A espera foi pelo período de mais ou menos um mês. Dessa localidade, foram de Kombi para a cidade de Marabá, no Pará.

Nesse mesmo ano, talvez no final de 1975, o pai vendeu, vendeu não, o político de Pernambuco, na época, indenizou nossa terra que era muito grande. Nós saímos a pé perambulando igual uns ciganos com matulão nas costas. Era eu, Francisco, Valter, Jurandir, Antônio, Jura, Vânia, pai e mãe. Eram nove pessoas perambulando no mundão. O povo tinha até medo de nós que quando avistava fechava as portas. Em 1975 nós migramos para o estado do Pará. (Sr.Carlos Matos, Out. 2017)

¹⁰ De acordo com os garimpeiros, peula é um instrumento parecido com uma pá, porém menor, e que só pega o tanto certo de terra no momento de escavar o barranco.

¹¹ Coxicim de mamuí é um recipiente cilíndrico feito com tronco de árvore para armazenar água e cascalho para lavar o ouro.

Em Marabá, Carlos Matos e a família permaneceram cerca de dois anos. O pai, após uma temporada de trabalho como peão de fazenda, na Cidade de Itaituba, retornou para buscá-los para irem todos para comunidade do Livramento, em Itaituba, na vila de Miritituba. Nessa localidade, devido à epidemia de sarampo que acometeu a família, morreu um de seus irmãos.



Figura 10 – Comunidade de Livramento, localizada às margens do Rio Tapajós, na Vila de Miritituba, cidade Itaituba-PA.

A comunidade Livramento faz parte da história de Carlos Matos. Essa imagem foi produzida por ele no momento em que passávamos por esta localidade para realização de um trabalho. Ele capturou a fotografia sob discursos de muitas lembranças da infância, da mãe, dos irmãos. Foi um momento de muita emoção para ele e para mim.



Figura 11 - Travessia de balsa entre o porto de Itaituba e a Vila de Miritituba. Assim como a fotografia anterior, foi registrada por Carlos Matos. No momento, lembrava-se das constantes travessias que precisava fazer para a área urbana de Itaituba.

Lembrava que a saída de casa para morar só ocorreu por volta do ano de 1979, aos 15 anos de idade e a contragosto do pai. Fora morar na área urbana de Itaituba. Rememorou a precariedade e os momentos de necessidade financeira, sem dinheiro para comprar comida e residindo de favor na casa de uma conhecida de sua mãe. Foi nesse período que entrou para o trabalho no garimpo, na região do Tapajós. A categoria utilizada como elemento impulsionador para sua decisão foi “a fofoca” que os garimpeiros faziam na cidade. Segundo ele, os garimpeiros eram referência de sucesso devido a maneira como se trajavam, por portarem armas de fogo e o padrão de consumo praticado. Essas representações lhe deram elementos para crer que o lugar no qual poderia melhorar a condição de vida seria o garimpo.

A categoria da “fofoca” também está contida no processo de decisão de migração do ex-garimpeiro Jacinto, Maranhense, 67 anos. Diferentemente dos outros interlocutores, ele saiu de sua cidade, Timbira, no Maranhão, especificamente para trabalhar na garimpagem. Outros moradores da sua

localidade já atuavam nos garimpos de ouro amazônicos e quando voltavam faziam a “fofoca” via ações iguais às relatadas por Carlos Matos.

...apreciam uns vizinhos que trabalhavam no garimpo e faziam aquela fofoca de que o garimpo era muito bom, ganhava-se muito dinheiro. Então eu resolvi dar uma olhada no garimpo. A primeira vez eu vim só para experimentar como era. Passei três anos e meio sem voltar em casa. Fui experimentar se era bom. Quando fui para casa, eu resolvi trazer minha esposa para Santarém. Foi no ano de 1981 que chegamos em Santarém. De lá para cá moramos aqui. (Sr. Jacinto, Ago/2017).

Nas narrativas, a categoria “fofoca” foi apresentada em dois sentidos, um com referência aos espaços (garimpos) reconhecidos entre o grupo como áreas ricas em minério e, por isso, com alta capacidade de gerar movimento migratório intragarimpos ou como atração de pessoas de fora, ou seja, como elemento de orientação e indução dos deslocamentos às áreas de garimpagem. O segundo, foi apresentado no sentido explicitado nas narrativas acima, como produção de uma autoimagem para afirmação de distinção, nos termos de Bourdieu (2007), entre os pares e a outros grupos sociais externos, além de ser, dentro do *habitus* garimpeiro uma demonstração de detenção de capital simbólico e marcador de posição nas relações objetivas dispostas no campo da garimpagem (Ibidem, 2004).

A terminologia liberdade foi mencionada com intensidade no processo de decisão de entrada ao trabalho no garimpo. A noção liberdade é forjada nos discursos como a não necessidade de um vínculo empregatício sob uma estrutura formal de trabalho e, na qual, o homem garimpeiro depende apenas de si e da sorte para produzir seu ganho, além de ser livre para procurar, a qualquer momento, outro espaço de trabalho que lhe possibilite e amplie sua produção. No entanto, algumas falas diluem, de algum modo, essa concepção, pois denotam a proibição de retorno ou saída do garimpeiro do espaço de extração antes do pagamento de dívidas ao dono das cantinas ou ao patrão, dono do garimpo. O garimpeiro Alonso, paraense, 53 anos, relatou dois episódios vivenciados, um no garimpo Canta Galo, no Tapajós e outro no garimpo Cara Preta, região do Amazonas.

No primeiro, em poucos dias de trabalho contraiu malária e com dificuldades de cura foi pedir ao dono da área extrativa o retorno para cidade,

no entanto, estava devendo e seu pedido foi negado. Só pôde sair quando pagou a dívida trabalhando mesmo enfermo de malária.

Ai eu tive que tomar o remédio mesmo e ficar lá me tratando da malária. Nessa época, eu estava devendo muito lá, aí fui pedir para eles me darem meu retorno para eu vir embora para Santarém. Eles responderam pra mim: “Peão morre aqui, mas não sai devendo!”. Eu disse: Então tu tem que dar um jeito aqui para eu pagar essa conta. Eles disseram: “Então tu trabalha aqui até a hora dela chegar”, a malária. O frio, a febre. Eu trabalhava todo dia até 10 horas da manhã. Fui, fui e paguei a conta. (Sr. Alonso, Out/2017)

No segundo, o dono do garimpo Cara Preta, região do Amazonas, contratou uma leva de trabalhadores na cidade de Santarém para levá-los para trabalhar na sua área de produção. Alonso conta que ao chegarem ao local, houve quebra do que fora prometido na cidade, e tentativa de forçar os trabalhadores a realizarem trabalhos não contemplados no acordo inicial, como submetê-los ao trabalho na juquira. No entanto, segundo Alonso, o grupo não aceitou tal situação e como castigo à insubordinação fora encaminhado à exploração de ouro na mata. Como exploração faz parte das etapas da atividade garimpeira, os trabalhadores decidiram por aceitar.

Porém, após meses de labuta e baixíssima produção, e dado ao fato do dono da área produtiva ter fama na localidade de “matador de peão”, os trabalhadores arquitetaram fuga pela floresta. No entanto, devido a um erro de entrada em um ponto da trilha e a caminhada noturna, ficaram perdidos e a viagem que fora pretendida para três dias de “varação”¹² durou onze dias, proporcionando sofrimento e cenas dramáticas a todos.

Eu era animado para negócio de garimpo. Quando chegou lá ele disse: “Aqui é o seguinte, peão tem que fazer o que eu quero. Quero que vocês broquem”. Ai nós reunimos a equipe e decidimos que ninguém iria para juquira não. “Então vocês vão cair na mata pra explorar”. “Pra explorar nós vamos, mas pra juquira não”. Nós saímos, entramos lá há uma faixa de uma hora, hora meia da corrutela. Achamos uma baixãozinho e fizemos uma prancheta. Fagulhou alguns fagulhos¹³ de ouro. Um dos peões disse: “Rapaz, nós vamos ficar aqui”. Nós ficamos lá. Trabalhamos uns foi meses, três meses, mas deu praticamente cego. O trabalho que nós estávamos tendo, não estava tendo êxito. No final da história, nós fomos alimpar o ouro, rapaz, não dava dez gramas pra cada um, e dois meses de serviço. Eu disse: “Rapaz, é o seguinte. Nós vamos embora, cara ninguém vai dar nada pra esse cara não, vamos é

¹² De acordo com os garimpeiros vara, varação significa o deslocamento de um ponto a outro, de um garimpo para outro, em caminhada, por dentro da mata.

¹³ Grãos de ouro. Zé Luiz comparou um fagulho de ouro ao olho de um mosquito.

fugir”. Nós nos preparemos pra fugir, nós arrumamos tudo, programamos tudo pra fugir.

Ninguém dormiu a noite, preocupado com medo de o cara chegar. Estávamos espantados, sobressaltados o tempo todo. Quando deram cinco horas da manhã eu disse: “Matias, manda o cara levar a gente, já está clareando o dia. Ai ele mandou o cara. Nós fomos. Mas nós não podíamos andar de dia, só podíamos andar pela noite. Porque já estavam atrás, né. O dono do garimpo já estava atrás. E nessa de andar de noite, nós nos perdemos. Era para três dias a varação dependendo de onde o cara tivesse deixado nós, mas nós nos perdemos. Não conseguimos varar com três dias. Tinha um esquema lá. Se não varasse com três dias a onça tinha comido ou então a malária tinha matado. Era uma região de montanha, subindo e descendo. Nós não sabíamos se nós estávamos indo ou estávamos voltando. Só sei que nós estávamos era perdidos...

Dormíamos trepado. Teve umas noites lá que era época de inverno, dava aquele torozão¹⁴ e nós estávamos lá cima, na copa dos açazeiros na rede. Torozão começa assim com relâmpago, trovão. Aquele relâmpago pegava na guia da castanheira e vinha como se fosse um machado, sei lá. Dava na guia e vinha até na raiz. A mata passava uns cinco minutos em claro, claro que parecia uma luz fluorescente. E tome água e água. Nós descíamos de lá e ficávamos um do lado do outro num rabo de jacu.

Foi que em onze dias, nós escutamos um tiro. Esse tiro foi numa faixa de dez horas da manhã, mas muito longe. Nós metemos peito. Nós passávamos por cima de aningal, por cima de espinho, por cima de tudo, não desviava o rumo. É por aqui, é por aqui mesmo. Eu com febre, com frio dentro dos igapós, dentro do aningal. Sei que quando deu umas quatro horas da tarde varamos onde o cara tinha atirado. Quatro horas da tarde. Estava a marca dele lá de kichut. E ele escutou os gritos. Agora não sei o que ele pensou daqueles gritos. Nós nos abraçamos, choramos de alegria (Sr. Alonso, Out/2017).

Relatos como esse e outros de emboscadas patrocinadas pelos patrões para tomar o ouro do trabalhador garimpeiro esmaece a noção de liberdade impressa de forma ideal proferida pelos senhores, além de fornecer pistas das distinções hierárquicas e o emprego da violência aplicada à estrutura organizativa em alguns garimpos. Esse tipo de episódio é reproduzido pelos interlocutores pelo reconhecimento do garimpo como um espaço ambivalente, entre ser um lugar bom de viver, divertido, com farta comida de caça e o risco de morte a qualquer momento.

Em relação à dívida adquirida e a impossibilidade de retorno sem antes de quitação do débito indica que algumas relações econômicas no garimpo são providas via o sistema de aviamento, que segundo Aramburu (1994) é um sistema de adiantamento de mercadorias a crédito tradicionalmente praticado na Amazônia, sendo uma relação social essencial no interior amazônico, porque não só viabiliza uma relação comercial, “mas

¹⁴ Chuva muito forte.

constitui relação de poder sujeita a uma moralidade que dispõe prescrições morais de ajuda aos fregueses em casos de perigo troca (doenças, carestias) de uma relação comercial monopolista”. (Aramburu, 1994, p.33)

Ao compararmos a prática do aviamento na atividade garimpeira com a executada em outras frentes produtivas, percebe-se variações no modo de aplicação. Por exemplo, na economia da balata analisada por Carvalho (2013), o patrão aviava aos balateiros desde alimentação aos equipamentos de trabalho e estes tinham que pagar esses itens via o saldo da produção. Já na garimpagem, a extração do ouro não depende diretamente do crédito aviado aos trabalhadores, pois as despesas com equipamentos e alimentação nas zonas de trabalho são custos de responsabilidade do patrão, o dono da área extrativa, que em muitos casos, é dono também de pequenos aviões que fazem linha entre os garimpos e a cidade, e das cantinas, mercado com diversificados itens de consumo instituídos nas corrutelas.

Na garimpagem o aviamento é praticado em situações específicas, como por exemplo, a primeira ida do Sr. Calos Matos ao garimpo, em que a passagem de avião lhe foi concedida via crédito e paga com trabalho.

Eu via só garimpeiro na beca, gastando dinheiro e dente de ouro, revólver na cintura, naquele tempo bastava esconder da polícia. Eu pensei, eu vou para o garimpo. Tinha um vizinho e ele me levou. Duas horas de voo, foi para o garimpo Nova Vida. Chegando lá, os cabras me colocaram para cortar arroz para pagar a passagem. (Sr. Carlos Matos, Out./2017)

Outras mercadorias de uso pessoal ou mesmo farras com bebidas e mulheres em cabarés das corrutelas compõem os itens que poderiam ser negociados a crédito e pagos com o saldo da produção.

Corrutela é difícil. Uma pessoa que vai para o garimpo, chega lá vai para o barranco, trabalha a semana toda lá dentro da água aí pega o ouro e vai botar tudo na mão das putas, esse nunca vai arranjar nada na vida. Quanto mais ele tem, mais ele gasta. Ele fica devendo para as putas, fica devendo para o dono do cabaré. Quando ele pega o ouro já é para pagar aquela conta. Pior, todos os patrões, donos de taberna em garimpo sabem quando você despesca o barranco. Quando você está despescando ele chega lá no barranco. Parece que o diabo conta, ele sabe. Em todo lugar que ele tem conta, no dia que os caras estão despescando ele chega lá com o caderno na mão para receber o dele. Ali é em ouro, não é negócio de o cara vender o ouro para pagar com dinheiro depois, tem que pagar é com ouro. Quando fica fiado o patrão já diz: “olha, é tantas gramas de ouro. Já vou só receber (Sr. Jovêncio, Fev./2016).

Outra categoria reproduzida entre os sujeitos como pretexto à opção pela faina na garimpagem foi atribuição desta atividade como capaz de gerar vultosos ganhos financeiros. Note-se que todos atuavam em outros ramos, sendo o principal a agricultura, aliás, o trabalho com a terra é ponto em comum na trajetória dos interlocutores. Portanto, percebe-se o elemento “ganho” com peso fundamental na decisão da ida ao garimpo, mesmo com o reconhecimento entre os trabalhadores de esta ser uma labuta extremamente pesada e, na qual, estão associados vários outros riscos.

O Sr. Toim contou que caso não decidisse atuar na garimpagem seria feirante na feira do Mercado 2000, em Santarém. O Sr. Alonso trabalhava como carpinteiro, mas como ele mesmo salientou “eu era animado para negócio de garimpo”. Um trecho da narrativa do Sr. Babi juntamente com o Sr. João Maranhense fornece uma pista de como os sujeitos percebem o ramo do garimpo em relação a outras lidas.

Babi: É, mas foi um tempo bom, de qualquer maneira foi um tempo que a gente tinha aquele dinheirinho a mais.

João: É, nisso você está certo. Era melhor de que na colônia mil vezes.

Babi: Sem comparação. A colônia sempre só foi para comer. (Babi e João Maranhense, Ago/2017).

Os processos de migração e a decisão pela opção de trabalho no garimpo são orientados por um complexo de sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos, pois são as construções dos projetos individuais de melhoria de condições materiais de vida que estão conectadas ao campo de possibilidades (VELHO, 1994) propagadas sobre a região amazônica como, por exemplo, promessas de fornecimento terra farta para plantação, clima favorável à produção da lavoura e investimento estatal, bem como, sobre a frente econômica da garimpagem, que era vislumbrada como meio de oferecer altos rendimentos monetários conjugados ao conceito liberdade de trabalho, no qual,

o homem depende somente das próprias forças e sorte para bamburrar¹⁵ e é livre para transitar a qualquer tempo em outros meios que melhor lhe favoreça.

3.2 “O trabalho só é ruim para quem é mole”: processos, tecnologias e saberes aplicados à exploração do ouro.

A garimpagem ou mineração de ouro de pequena escala é caracterizada na literatura em referência ao emprego de tecnologia simples ou artesanal para extração de minérios em solo secundário, ou seja, nas camadas de solo aluvial¹⁶ (Veiga, 2002). Esse modelo de exploração é diametralmente oposto ao utilizado pela indústria mineral, que dispõe de vultosos recursos e tecnologia de ponta para detecção e prospecção dos minérios em solo primário, aqueles formados em rochas e a grandes profundidades (Cleary, 1992).

A própria legislação brasileira permite a concessão de lavra para exploração de minérios por garimpeiros ou cooperativa de garimpeiros somente em áreas em que haja incidência na forma aluvionar. A lei nº 7.805, de 18 de julho de 1989, que cria o regime de permissão de lavra garimpeira traz no parágrafo primeiro do artigo 10, a definição dos minerais e a característica física do tipo solo no qual é permitida a atuação via garimpagem:

§ 1º São considerados minerais garimpáveis o ouro, o diamante, a cassiterita, a columbita, a tantalita e wolframita, nas formas aluvionar, eluvionar e coluvial; a sheelita, as demais gemas, o rutilo, o quartzo, o berilo, a muscovita, o espodumênio, a lepidolita, o feldspato, a mica e outros, em tipos de ocorrência que vierem a ser indicados, a critério do Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM.

Como o interesse analítico em questão é sobre a mineração de pequena escala cabe-nos atentar aos processos, a organização social das relações de trabalho e as aplicações tecnológicas praticadas nesse modelo de

¹⁵ Escavar barranco rico em ouro; ficar rico no garimpo.

¹⁶ Os aluviões são materiais constituídos por materiais erodidos, retrabalhados e transportados pelos cursos d'água nos seus leitos e margens. São também depositados nos fundos de lagoas e lagos, sempre associados a ambientes fluviais.

extração mineral. A partir das narrativas e da literatura a respeito do tema percebe-se divisão de pelo menos dois modelos ou categorias inferidas à forma como o trabalho é realizado na garimpagem. Um é relacionado ao trabalho estritamente manual, ou “no manual” como mencionado nas falas e, o segundo, faz alusão ao uso de máquinas, bombas, bico-jato, aplicado ao processo de extração. A referência dada a este último na literatura é de uma garimpagem semi-mecanizada (CLEARY, 1992) e a mencionada nas narrativas é chamada de “o maquinário”.

As distinções entre as formas de trabalho manual e semi-mecanizado vão muito além do tipo de tecnologia aplicada à extração do ouro, pois, as narrativas indicam fortes transformações nas relações de trabalho, bem como, na estrutura organizacional da produção envolvida na faina garimpeira a depender de qual modelo se pratica a atividade.

3.3 Caracterização da garimpagem manual

O trabalho realizado na garimpagem estritamente manual é reconhecidamente entre os garimpeiros como um labor de muito sacrifício e dificuldade pela exigência física solicitada. O processo inicia com a exploração, é uma expedição ou varada, como denominada pelos garimpeiros. Caminham mata adentro a procura de solo em que seja possível abrir lavras ricas em material. É feita por garimpeiros chamados desbravadores e pode ser realizada por um grupo ou um único homem, geralmente é realizada por garimpeiros mansos¹⁷. É aberta picada¹⁸ na mata e é procurada uma grota, são igarapés dentro da floresta, a região dessas grotas é conhecida como baixões devido ao declive formado no solo. O grupo entra munido com armas, cartuchos, farinha e sal, charque e os instrumentos como pá, peula, cuia e bateia, todos

¹⁷ Garimpeiros mansos são os que possuem conhecimento e experiência sobre o trabalho.

¹⁸ Caminho feito com terçados na mata fechada. Serve de orientação para a locomoção na floresta.

armazenados dentro do jamanxin¹⁹. Baseados na experiência, quando chegam a um local propício à incidência de ouro, abrem o que chamam de prancheta, uma cova de mais ou menos 2mx2m e tiram amostras do cascalho daquele espaço. O resultado que determinará a abertura de uma boca de serviço ou barranco é a quantidade de fagulhos de ouro encontrados na amostragem. Zé Luís comparou o fagulho de ouro ao tamanho do olho de um mosquito.

Para saber onde tem ouro tem que fazer exploração. A gente se arruma, leva farinha, leva munição para o mato e vara quatro, cinco, seis dias para um grotão. Quando chegar num baixão, porque aqui tem terra alta, montanha, para cá tem o igarapé com aquele baixão, quando a água vem alaga. A gente vai, tira a vara de um pau bem duro e fura. Dá com 2m, com 1,5m, 0,5m você topa no cascalho. Você faz um buraco chamado de prancheta, de 2x1,5m. Você usa peula, que é uma pá comprida que é para arrancar a capa do lacrau. Ela bem amolada ela corta a raiz do pau. Quando chega no barro você usa ela também. Vai jogando e quando chegar a baixo topa numa areia, antes de topar no cascalho tem uma areia. Você vai e tira com uma pá. Dá água, aí você cava um buraco mais fundo que essa superfície que você está trabalhando aqui e você faz a canaleta e a água já vem para cá. Você vai jogando terra e o outro tirando aquela água até topar no cascalho. Quando chega ao cascalho e você quebra 40cm e bota na cuia. Leva para o igarapé e você vê. Dá três, quatro, cinco fagulhos. Fagulho é do tamanho do olho de um mosquito, aquela pedrinha de ouro. Tem hora que dá umas maiorzinhas. Dá muito esmeril. Esmeril é uma terra preta que dá junto com o ouro, onde não tem esmeril não dá ouro. Se você cuiar e não ver nenhum fagulho de esmeril não tem ouro abaixo. É terra cega. Você tem que sair dali. Quando tem ouro você vê os pedacinhos de ouro, aí você pode botar um barranco de manual ou máquina que pega ouro (Sr. Zé Luiz, Out./2017)

Nessas expedições, em caçadas ou em varadas de um garimpo a outro por dentro da mata, os garimpeiros carregam consigo o que chamam de estojo, que é jamanxin, rancho (basicamente sal e farinha, a carne é caçada na mata) bateia, cuia, pá, peula, espingarda e cartucho. São esses itens que garantirão a sobrevivência na mata, bem como, a execução do trabalho. Todo esse material é transportado no jamanxim. O Sr. Jovêncio narra o paneiro/jamanxin como equipamento de inúmeras serventias:

O peneiro do garimpeiro ele carrega comida, carrega o óleo, ele carrega a espingarda vinte, ele carrega caça do mato, a gente vai pro mato caçar e traz no paneiro. O paneiro ele é tipo o paneiro de farinha, só que ele é mais forte, ele é de cipó titica. Ele é bem forte. Você carrega castanha, você carrega tudo. Ele tem uma alça que você bota aqui na cabeça, Aquela alça é pra você andar com ela com

¹⁹ Utensílio feito de cipó titica para carregar carga (farinha, sal, óleo, peixe etc.)

paneiro nas costas, subir, descer ladeira, justo para segurar o peso das costas. Quando é pra botar no chão você coloca na costa e apoia. Sessenta, quarenta, carrega até setenta quilos. Andava 3, 4 km. Mas a gente descansa nas estradas. Tem muito aqueles “pauzão” caído na mata, na varedeia que a gente faz, ali a gente descansa, meia, uma hora. A gente tira ele das costas e bota ele lá (Sr. Jovêncio, Fev./2016).

Equipamentos essenciais ao processo de trabalho manual são bateia e a cuia. A bateia é um disco de zinco em formato cônico. É usada em vários momentos do trabalho. Desde a prospecção até a despescagem²⁰, a apuração do ouro ainda amalgamado ao azougue²¹. Segundo Cleary (1992), o uso da bateia remonta desde o século XVIII, com a diferença que antes era feita de madeira dura. A cuia possui mesmo uso que a bateia, porém é menor, é utilizada mais em prospecções de amostragem devido à quantidade de material que se pode processar nela.

Depois de realizada a exploração mata adentro, feitas as amostragens e detectada uma área que se estima possuir minério, inicia-se o processo de escavação. Se uma área pesquisada for muito rica gera-se a *fofoca* sobre aquele garimpo e faz com que um número considerável de garimpeiros se desloque para aquele local.

Identificada área propícia à escavação é esquadrejado um lote de 5x5m, 10x10m, varia de tamanho e é medido com cipó titica retirado da mata. No regime de trabalho manual atuam até três peões dentro do barranco. Depois de medido o terreno, retira-se a capa do lacrau²², é a retirada da primeira camada de terra com paus e raízes, essa tarefa geralmente é destinada aos peões brabos²³. Prossegue-se a escavação com um instrumento chamado de peula. *“É uma pazinha pequena de garimpeiro. É próprio para a gente jogar barro para cima. Ela só pega aquele tanto, não pega mais nem menos.”* Explicação de Jovêncio. Enfia-se a peula no chão e vai retirando o barro, camada por camada, até a profundidade que instrumento possa alcançar. O garimpeiro não pode errar no manuseio da peula, Carlos Matos relata que se aquele barro não sair da ferramenta durante o movimento de

²⁰ Processo de retirada e lavagem do ouro preso ao saco de sarrapilha ou carpete.

²¹ Azougue é mercúrio.

²² São as raízes e paus que se encontram na superfície da lavra.

²³ Trabalhadores com pouca experiência.

tiragem causa lesão nas costas do trabalhador. *“Já vi muito peão ficar imóvelzinho no barranco com as costas rasgadas”*.

Garimpo de manual eu trabalhei lá no Boqueirão. Lá é raso, dava dois palmos da capa do lacrau²⁴, que é a capa da raiz, aí já estava o cascalho. A gente quebrava um palmo, meio palmo de cascalho e carregava, fazia um cocho de um pau chamado barriguda e depois a gente fazia outro cocho que era para botar água. Eram dois cochos, um do lado e outro. Eu botava a lontona, lontona é uma caixa de madeira toda tariscada com pau, vara, a sarrapilha e depois o carpete e acabar botava azougue. Um ia jogando água, tinha duas lanternas que a gente chama, que são duas mangueiras. Quando a água estava pouca a gente abria e quando estava cheio a gente fechava para poder aguentar a água para lavar o cascalho. O outro ia embarcando o cascalho. O cascalho está aqui no pé e a gente vai jogando o cascalho e o outro vai lavando no ralo. Sempre é três que trabalha, às vezes trabalha dois, mas é aperreado. Lava aquele cascalho e o ouro vai descendo pela caixa para dentro da lontona. Quando termina a gente pega aquele pano, despreza as varinhas tudinho, bota aquele pano dentro de um balde e vai lavando na água limpa. Depois que lava que vamos batear aquela terra todinha. Dá dois, três baldes de terra. Até resumir onde está o ouro. Vai com ele no maçarico, queima, aí está pronto para vender (Sr. Zé Luiz, Out./2017).

Esse trabalho de retirada do barro leva de três dias a uma semana, dependendo da profundidade do cascalho, que é a faixa em que ouro de se encontra, e de fatores como alagamento do barranco. *“Ali onde ele é grudado tem uma goma, uma terra, ali está sintonizado o ouro, dentro daquelas pedras. É por isso, que chama cascalho, porque é o cascalho do ouro.”* O garimpeiro identifica o cascalho porque o terreno muda. Surge uma camada de terra com pedras. *“Tipo quem faz um piso de seixo”*, nas palavras de Jovêncio. O barro é todo retirado e deixa-se somente a camada do cascalho. Esse cascalho é removido até a lagreza²⁵ e amontoado em um monte separado para ser processado na lontona.

O garimpeiro Jovêncio explica o que é a lagreza:

Lagreza é um barro mole, tipo assim uma lama. Ele é bem molinho. Mole, mole, mole. Ele afunda. Ali bateu na lagreza não tem mais ouro para baixo. Aquele ouro vai até em riba da lagreza (Sr. Jovêncio, Fev./2016).

A chuva ou alagamento do barranco por infiltração é um fator que deixa o trabalho manual muito mais pesado, pois para dar continuidade as tarefas é

²⁴ São as raízes e paus que se encontram na superfície da lavra.

²⁵ Solo referência para indicar até onde há o cascalho com ouro. De acordo com os garimpeiros é um barro mole e quando chega na lagreza não tem mais ouro pra baixo.

necessário retirar a toda água no balde. O relato do Sr. Toim demonstra o quão difícil se tornava a labuta.

Manual era na pá, na peula, picareta, bateia, cuia. A gente marca uma quadrazinha de um barranco e vai cavar. Cansei de quando era para desgrotar, porque jorra água, quando eu entrava lá, eu era muito pequeno e a água estava dando quase no meu pescoço. Eu ia desgrotar todinho na lata. Tinha dia que eu passava o dia todinho só desgrotando a água, já quase a noite que ia trabalhar um pouquinho para cavar outro pedaço. Era muito “sacrificoso” (Sr. Toim, dez/2017).

Depois de removido e amontoado o cascalho, passa-se para a etapa de processamento. O processamento é feito na lontona, maquinaria artesanal confeccionada pelos próprios garimpeiros com madeira retirada na floresta.

S. Luís explica a lontona:

A lontona é tipo uma porta, só que ela é maior que uma porta, ela dá umas três portas de comprimento, aí a gente bota uma tábua assim de lado, baixinho, na base de uns 10cm. Ela é calafetada, porque não pode varar água de jeito nenhum se não o ouro vai embora. A gente calafeta com mangueira, pega a mangueira, queima e bota nas brechas da tábua. Quando acabar bota a sarrapilha e depois um carpete de 2m, perto de onde vai cair a bica com o cascalho. O carpete da largura dela. Entarisca, bota muita azougue ali. Uma base de umas 200g de azougue para poder o ouro quando bater o azougue pega o ouro. O azougue é para segurá ou segurar o ouro (Sr. Zé Luiz, Out./2017).

Entariscar²⁶ a lontona é colocar várias talas por cima do carpete na largura da prancha, para quando for derramado o cascalho com água corrente desça em forma de cascata. É posto bastante azougue no carpete para amalgamar-se ao ouro quando este passar. Por serem minérios pesados ficam presos ao carpete. O restante do material que passa pela lontona é chamado de curimã, a terra em que já se extraiu o ouro. Geralmente formam montes bastante altos e para que essa terra retirada do barranco não prejudique o trabalho na escavação de uma próxima lavra ela é jogada para tampar um barranco já prospectado.

²⁶ Entariscar é processo de colocação de pequenas de talas na caixa para que a água com cascalho desça em casacata.

Após o processamento na lontona, passa-se para o momento da despescagem, que é a retirada do carpete com ouro. Esse carpete é lavado com sabão em pó dentro de baldes, comumente são utilizados carotes de óleos ou coxos. Os coxos são recipientes cilíndricos feitos de troncos de árvores. Dentro dos baldes cai o ouro com terra, note-se que o ouro está misturado ao azougue. Esses baldes são levados para próximo de um poço para que o material seja bateiado. São retiradas as impurezas e apura-se somente o ouro misturado ao azougue. Esse processo deve ser feito com extremo cuidado, pois há algumas partículas muito pequenas de ouro que podem escapar a bateia caso não haja destreza em seu manuseio.

Findo o bateiamento e deixado somente o ouro com azougue parte-se para etapa final, que é a queima. O material é colocado na cuia e queimado no maçarico ou no botijão de gás para que o mercúrio agarrado ao ouro evapore. Já com o ouro de fato apurado é procedida a divisão. No trabalho manual a partilha é realizada de forma igualitária entre os trabalhadores, ou em caso de o barranco ter um dono, é pago a ele 10% da produção.

Na garimpagem manual percebe-se maior autonomia do trabalhador em relação ao conjunto do processo produtivo, pois sem altos investimentos e com a possibilidade de confecção das tecnologias para processamento do minério com matéria prima farta disponível na floresta, o garimpeiro pode exercer a atividade na condição de dono dos meios de produção e do próprio trabalho sem necessariamente possuir vultoso capital, precisando somente pagar pelo arrendamento da terra, diferentemente do modelo de garimpagem semi-mecânizada, no qual, a figura do dono ou “patrão” detentor dos meios de produção e os trabalhadores possuidores da força de trabalho como mercadoria.



Figura 12 Garimpeiros processando o ouro manualmente.
Fonte: <http://www.ariquemesonline.com.br/noticia>



Figura 13 Garimpeiro utilizando bateia para limpeza do ouro.
Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=garimpo+manualminimizado>



Figura 14 Processo da queima do ouro para o separar do mercúrio.

Fonte: <http://www.canalciencia.ibict.br/pesquisa/0168-Concorrencia-internacional-areas-jazidas-ouro-contaminadas-mercúrio.html>

3.4 Caracterização da garimpagem semi-mecanizada

O modelo de extração semi-mecanizado pode ser subdividido em pelo menos duas formas: a extração nos baixões ou barrancos e a de balsa ou mergulho, aquela executada no leito dos rios. A introdução de maquinaria motorizada deu à mineração de pequena escala um tom mais empresarial com divisão social do trabalho, nos termos de Durkheim (1999) e a relação dual entre o detentor dos meios de produção e os da força de trabalho. O barranco ou a balsa possui um dono que investe um capital elevado e, para ele trabalham os peões em regime de porcentagem. Em relação ao modelo manual de garimpagem há transformações, principalmente nas relações de trabalho, na divisão pecuniária e a exigência de saberes por parte do garimpeiro relativa ao domínio técnico de instrumentos de maquinaria motorizada.

Cleary (1992) aponta que a maquinaria começou a ser utilizada na garimpagem nos anos de 1930, nos Estados Unidos, e foi apresentada aos trabalhadores brasileiros via assistência técnica do Departamento Nacional de

Produção Mineral (DNPM), mas devido aos custos elevados dos equipamentos, foi somente a partir da década de 1970, com a valorização do ouro no mercado internacional, que houve a expansão do uso de motores no trabalho da mineração de pequena escala. Percebe-se mudança estrutural nos processos de trabalho e aceite por parte dos trabalhadores que executavam o serviço manualmente. Nas falas é possível perceber esse fato na justificativa e reconhecimento da labuta manual ser sofrida, dura, como foi relatado. Outra questão apontada foi de que com o maquinário era possível trabalhar uma área muito maior em menos tempo, ou seja, seria possível aumentar a produção mesmo que a porcentagem dividida entre o patrão e os trabalhadores fosse menor.

Peguei no manual também. Do manual para draga tem muita diferença. No manual, você vai ter que tirar um barranco 10x10 metros. Você trabalha todo tempo na peula, aquela peula sempre jogando. Primeiro, começa com a pá, alimpar tudo, depois que chega lá, dependendo da fundura, chega na lagreza onde está o ouro, aí entra na peula. Vai cavando aquele buraco manualmente. Fazemos uma caixinha, um rego para jogar água. Rapaz, é complicado demais, é muito trabalho o negócio do manual. O cara se sacrifica muito. Ai joga no ralo e o cara fica aqui com umas tarisca na mão, umas ripinhas, passando naquele ralo. É uma coisa que parece que não tem fim. É muito sacrificoso, o manual. Na draga não, a draga é muito diferente. Você mandou pra lá e já cai na caixa lá em cima e depois de tudo já vai limpar, tirar as estopas, jogar numa bacia com sabão omo, joga o azougue e vai batear na beira do rio e limpar o ouro (Sr. Alonso, Out/2017).

Na produção semi-mecanizada de barranco trabalha uma equipe de quatro a seis trabalhadores por par de máquinas. Sr. Jovencio explica que se passar de seis já não dá renda porque a porcentagem dos trabalhadores é rateada igualmente entre todos. O par de máquina é o bico jato e a maraca. A primeira possui a função de cortar o barranco com a pressão da água e a segunda a de sugar a terra para a caixa ou lontona, essas duas nomenclaturas foram usadas referindo-se ao equipamento que realiza a primeira separação da lama e o ouro.

As duas máquinas são potentes e consomem bastante óleo diesel. O bico jato é operado pelo jateiro, o garimpeiro especialista no seu manuseio. A maraca é trabalhada pelo maraqueiro. Sr. Jovêncio narra que caso operador não manuseie a maraca com destreza ela entope, quebra, porque por ali passa pedra, pau, uma série de destroços do barranco, conta ele como maraqueiro

experiente. No barranco, trabalham também dois raizeiros, esses com a função de catar os paus e pedras que possam danificar a maraca. Geralmente essa função é destinada aos garimpeiros brabos, os mais inexperientes. Independentemente do garimpeiro ser brabo ou manso, experiente ou inexperiente, a divisão da porcentagem entre os trabalhadores é igual.

Eu trabalhava de maraqueiro. Tem o jateiro que trabalha no bico-jato. O jateiro está aqui dentro de um buraco, sentado num pau atravessado, com um acelerador do lado que está lá no motor lá em cima, num MWM e a mangueira esta aqui, a que está puxando o material. Então, eu tenho que trabalhar com um pé aqui na boca dessa mangueira e com o acelerador na mão e os caras mandando lá no bico jato, empurrando pro meu lado. Eu tenho que saber trabalhar concentrado pra não entupir a mangueira, não dá entrada de ar, para poder trabalhar normalmente. Então, eu fico com o acelerador na mão. Quando ele manda muito, eu chamo aqui no motor que tem um acelerador com uma varinha e ela vai engolindo tudo. Quando ela quer dar entrada de ar, eu fracasso de novo aqui, aí a água cresce e fica naquele manejo. Isso se dá o nome de maraqueiro (Sr. Alonso, Out/2017).

A lógica do trabalho em muito se parece com a do garimpo manual, a única diferença é no processo de escavação do barranco e a quantidade de material processado. A maraca puxa o cascalho do barranco e o joga na boca da caixa a uma distância de uns 100m via mangueiras. O ouro passa pela caixa/lontona e fica agarrado ao azougue preso ao carpete. O procedimento até se chegar ao ouro apurado é o mesmo do realizado no modo de produção manual.



Figura 15 Garimpagem semimecanizada. Um trabalhador no bico jato, um operando a maraca e outros dois na limpeza do barranco.

Fonte: <http://www.cidadesms.com/noticias/78616-Fantastico-revela-vida-de-garimpeiros-ilegais-.html>



Figura 16 Momento da despescagem da “caixa”, o equipamento utilizado no processamento do ouro mandado dos barrancos pela maraca.

Fonte: <http://www.blogdopeninha.com.br/2011/07/agua-branca-um-garimpo-em-ascensao.html>

A garimpagem na modalidade balsa ou mergulho iniciou a prática de forma pioneira na região do Tapajós e depois se expandiu a outras regiões de rios, principalmente o Crepori e Tocantins, em meados da década de 1970 (Cleary, 1992). Esse modo de produção só foi possível a partir da introdução de motores no processo de trabalho, pois consiste na retirada do ouro contido em depósito aluvionar dos leitos dos rios. As balsas ancoram próximas à

margem do rio e desce o garimpeiro mergulhador, preso a um cabo de aço e com um colete com barras de chumbo entre 10kg e 30kg presos na cintura, a uma profundidade de 4m a 8m. A função desse trabalhador é operar a maraca para sucção do cascalho a ser levado para a caixa. O procedimento para pegar o ouro e apurá-lo é o mesmo do método usado no barranco, com a diferença que o curimã, o barro processado, é jogado diretamente no rio. O peão mergulhador fica a uma distância de mais ou menos 12m da balsa.

O trabalho é revezado em duas equipes, compondo uma jornada total de aproximadamente doze horas, sendo seis horas para cada frente de trabalho. Cada equipe é composta por dois mergulhadores e outro responsável por monitorar as máquinas para mandar oxigênio e controle da potência do motor ao mergulhador realizar o desmonte do cascalho. Cada mergulhador fica em baixo da água cerca de três a quatro horas. Carlos Matos narra que saia igual a um “defunto exumado”. Quando dá a hora de sair dá água o mergulhador dá sinal balançando um cabo de aço para ser içado por um guincho até superfície. A comunicação entre quem está em baixo da água e quem está na superfície é realizada por um código de puxadas que informa ao controlador a ação a ser tomada.

Os trabalhadores do garimpo de balsa reconhecem essa modalidade como a mais perigosa. Jovêncio e Carlos relatam vários casos de mergulhadores que morreram soterrados por barrancos. Devido à pouquíssima visão no fundo do rio o garimpeiro perde a noção da profundidade e vai adentrando ao buraco feito pela maraca e há ocasiões em que o barranco desmorona em cima do trabalhador.

Jovêncio e Alonso narraram episódios do período que trabalharam como mergulhadores e que devido a problemas no equipamento quase perderam a vida no fundo do rio.

Garimpo de mergulho foi no Crepori. Mergulho é o seguinte, tu chegas à balsa. Eu fui com meu cunhado, ele já era mergulhador profissional. Foram fazer um teste comigo, me botaram numa draga com a maraca 5”. Comecei a testar, me aperfeiçoar nessa 5”, me botaram para mergulhar com uma 6. Rapaz é uma maracona e a mascareta começou a entrar água e eu me apavorei. Não pode se apavorar. O cinto de 30 kg aqui na cintura, eles colocam umas barras de chumbo para a correnteza não levar. Comecei a me

apavorar e passei a não puxar fôlego pela chupeta. Rapaz, eu não sei onde arrumei tanta da força, eu meti a mão nesse cinto que deu uma arregaçada assim, o peso caiu, como a roupa é contra água aí eu subi. Vareei quase debaixo da balsa, com o olho desse tamanho cada um. Não estava mais respirando. Eu disse, rapaz não desço nessa máquina mais não. Naquela outra não tinha esse problema. Não desci mais nela. Fiz uns serviços por lá e vim embora (Sr. Alonso, Out/2017).

Eu não passava muitas horas em baixo da água porque tinha problema de folego. Passava duas, três horas. No máximo três horas e meia. Agora outros garimpeiros tiravam seis horas. Um tirava seis horas e outro tirava seis horas. Seis eu não aguentava não, quando saía do fundo minha cabeça estava quase para espocar. Eu larguei o garimpo de mergulho porque o cara quase me mata uma vez. Ele agarrou no sono lá no motor e o motor parou. Faltou o ar para mim. E para escapar foi sorte. Subi com o cinto de segurança e tudo. A gente carrega um cinto com dez quilos de chumbo. E eu subi com cinto, com tudo. Larguei a mangueira lá, ela encheu de terra até o bico. Eu subi para não morrer. Eu saí puxando na correia até chegar na balsa. Eu estava com uma distância de doze metros da balsa. Eu já estava num cascalho até bom, estava dando quinze, trinta, até quarenta gramas. Ali não dava de tirar de quilo, a balsa era pequena, não dá para ter mangueira grande para jogar longe, porque o curimã do chão a gente pode jogar a distância que a gente quiser. Não balsa não tem pra onde. A balsa fica lá e a gente fica para cá. Bota a balsa num canto e gente joga o curimã no rio, porque aquilo é jogado tudo na mesma água (Sr. Jovêncio, Fev./2016).

Como narrado, a garimpagem de mergulho condiciona uma série de problemas ao trabalhador. O fato dos mergulhadores ficarem por longos períodos em baixo da água comprometia a saúde em pouco tempo de serviço, além de não haver controle sobre a qualidade dos equipamentos utilizados que hora ou outra apresentavam problemas e o risco a vida era iminente. Outra ameaça apresentada, especificamente ao garimpo de mergulho, eram assassinatos os entre garimpeiros no fundo rio em função de disputa por zonas ricas em minério. Esse perigo aumentava consideravelmente em garimpos sob fofoca.

Já morreram vários amigos meus no fundo da água, matado também pelos outros. Garimpeiro mata qualquer uma pessoa por qualquer grama de ouro. Quando a gente está num barranco que tinha bastante ouro, como a gente estava no Tocantins, tirando bastante ouro, os que estão tirando distante, em barranco cego, eles vem pelo fundo da água, emendam mangueira, emendam mangueira, chega cá e corta a sua mangueira de ar ou vem com uma faca e lhe fura no fundo da água. Você não vê porque ali você só vê bem pertinho. Aquela água é suja, ela já vem suja de cima de outros garimpos, ela é barrenta. Você enxerga bem pertinho assim, mas longe você não enxerga (Sr. Jovêncio, Fev./2016).

A respeito da divisão dos rendimentos, a mudança que houve em relação modo de produção manual foi que neste a produção era autônoma com pagamento de 10% da produção ao dono da terra ou em regime de meia praça, no qual, as despesas eram por conta do proprietário da área e rateava-se o ouro extraído meio a meio. Com a introdução do sistema mecanizado ocorreu o emprego de funções especializadas dentro do barranco ou balsa e a divisão do minério extraído passou a girar em torno de trinta a dez por cento entre o dono e os trabalhadores, como relatado nas narrativas de Jovêncio e Jacinto.

Lá, se você tocasse por conta, mediante o saldo que sobrava da despesa era seu. Agora se você trabalhasse de meia praça a produção era dividida meio a meio. Tirava um barranco e se desse 100g era 50 do dono e 50g para mim. Nessa parte, se tornava melhor para mim porque eu não tinha despesa, porque o patrão dava tudo. A mudança que houve do manual para o maquinário foi que no maquinário passou a ser porcentagem e tinha mais parceiros. A porcentagem era de trinta por cento. Se você tirasse um barranco que deu 100g era trinta por cento, como eram três parceiros, ficava 10g para cada um. A diferença foi essa, passou a ser trinta por cento e passou a ter a participação de mais pessoas. Mas, às vezes, dava uma melhorada no ganho porque o trabalho no maquinário era mais rápido. Para tirar um barranco 10x5, no manual, com dez palmos de fundura, passava-se de quinze a vinte dias, já no maquinário você tirava uma área muito maior em um tempo menor (Sr. Jacinto, Ago/2017).

O ouro é o seguinte, qualquer tanto que der para o patrão ele paga dez por cento e essa porcentagem é dividida para os peões. Digamos assim, se der um quilo de ouro cem gramas é para os peões. Ele fica com 90 por cento. As cem gramas é dividido para os quatro, cinco peões. Só pode ser até seis peões, não pode ser mais, porque se não vai dar nada, a renda vai ser bem pouquinha. Aquele ouro do patrão, os 90 por cento que vai ficar para ele, é para ele tirar para o óleo, comida, é para ele tirar para as despesas de tudo. Quando ele termina de pagar nós, tirar nossa porcentagem e pagar lá na cidade as bombas, maraca. Pagar essas coisas que precisa muito, mangueira. Sobra muito pouco para ele. Às vezes nem sobra nada. Porque é que muitos garimpeiros donos de garimpo vão a falência (Sr. Jovêncio, Fev./2016).

4.0 CAPÍTULO III “O GARIMPO É BOM, MAS É MUITO PERIGOSO”: SENTIDOS AMBIVALENTES, CONFLITOS E NEGOCIAÇÕES SOCIAIS NO GARIMPO.

4.1 Mosaico de memórias

Nora (1993) trata a memória como um fenômeno sempre atual, um elo envolvido no eterno presente, aberta dialética da lembrança e do esquecimento, manipulável e sujeita a longas latências e repentinas revitalizações. O caráter manipulável da memória nos direciona ao conceito de grupos subterrâneos (Pollak, 1989), em que sociedades minoritárias produzem estratégias de silêncio e esquecimento como resistência e manutenção viva das lembranças transmitidas em redes de comunicação informal, como família, círculo de amizades, à espera do momento propício à emersão.

Muitas vezes, esse momento favorável à vazão das lembranças é simplesmente a ancoragem a um ponto de escuta, alguém que esteja disposto a ouvir, pois Bosi (1994) muito bem lembra que o velho, diferentemente do adulto atribulado as atividades práticas e ocupado com a vida prática, ele se ocupa consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida (Ibidem, 1994, p.60). Os garimpeiros aqui escutados possuem entre 53 e 80 anos, portanto, já sentem a pressão do tempo em seus corpos e, de algum modo, o retorno da labuta pesada, repetitiva da lida na juventude refletida em enfermidades. Alguns são forçados a acostumarem-se a vida de aposentado em uma sociedade de classes em que o homem tem valor de acordo com a produtividade ao trabalho, portanto, uma sociedade que rejeita o velho (Ibidem, 1994, 77). Esse elemento é corporificado na fala de Toim, senhor de 80 anos, que depois de uma vida forjada no trabalho foi posto ao tempo ocioso e tem a necessidade de viver “bolando por aí” entre colônia e visita a parentes para não esmorecer.

Se tiver um homem que já sofreu mais do que eu nesse mundo aqui de nascido, se tiver um que sofreu como eu, acho que é bem pouco, porque eu sofri demais. Eu estou vivendo porque eu não esmoreço não. Eu estou com três anos que não trabalhei mais, a vontade é doida, mas aí eu caio para um canto, para outro, vou para Alenquer, para as colônias, para Manaus e vou bolando por aí. Eu estou com três anos que não ganhei um centavo de negócio que eu fizesse (Sr. Toim, dez/2017).

Sendo a lembrança substância de suas vidas, agarram-se ao sentimento de saudade de um passado perpetuado na memória como o azougue segura o ouro. Saudade pensada aqui como sentimento social ligado aos processos e sentidos de evocar e capaz de manter presentificado algo ou alguém ausente (Koury, 2014, p.91). Portanto, a oportunidade de falar e de ser

escutado para os senhores do garimpo é a chance de ruptura ao silêncio relegado, e, de reflexão e reconstituição da própria trajetória individual e do grupo social (Halbwachs, 1968) ancorada às lembranças ambivalentes da vida nos garimpos.

Ambivalência segue o sentido apresentado por Koury (2014) como pessoa que vive ou exprime a contradição e o conflito. Os sentidos atribuídos pelos ex-garimpeiros expõe justamente essa díade sobre os modos de viver o garimpo, as narrativas indicam ao mesmo tempo saudade da vida boa, divertida com farta alimentação na mata, algazarra com amigos, do vigor físico, da diversão com as mulheres nos cabarés, ao reconhecimento do sofrimento atribuído ao trabalho pesado, solidão e os inúmeros riscos a vida, seja atrelado à própria atividade ou aos recorrentes episódios de assassinatos.

A fala do Sr. Jovêncio exemplifica bem as ambivalências rememoradas nas lembranças:

O garimpo é muito bom, é bom demais. Muitas vezes a gente vai para o garimpo não é nem quase pelo ouro, só por causa do movimento que lá é muito bom. É muito gostoso ficar lá dentro do garimpo com a peãozada. Quando é de noite o pessoal vai para corrutela. Agora eu nunca fui de corrutela, nunca gostei de gastar meu ouro em corrutela. Meu ouro era escondido, guardado, enterrado por causa dos outros, se não roubavam...É muito perigoso o garimpo, é muito bom, mas é muito perigoso. Trabalhei um bocão de anos em garimpo, graças a Deus os anos que eu trabalhei em garimpo foram muito bons. Nunca matei ninguém, nunca atirei em ninguém, nunca briguei em corrutela. Quando foi para eu sair, só um peão que jurou de me matar. Ai para evitar eu saí. Eu disse, eu não vou para garimpo mais não porque garimpo é muito perigoso e o cara jurou de me matar lá (Sr. Jovêncio, Fev./2016).

O mosaico de memórias tecido nas narrativas, os sentidos atribuídos e o próprio processo de constituição histórica da sociedade garimpeira sinaliza essa formação social como um grupo outsider (Becker, 2008), aquele que desvia das regras do grupo e que é posto na condição de desviante na perspectiva de outros, no caso, o grupo social da garimpagem é posto em tal qualidade pelo Estado juntamente com as instituições legais burocráticas e o mercado da indústria mineral.

Cleary (1992, p.27) percebe como a marginalidade produz na garimpagem e garimpeiros o aspecto de uma formação social oculta e que, para permanecerem vivos, necessitaram estar invisíveis às autoridades, em locais aonde não chegasse as redes de poder formal e nem aparato administrativo estatal. Essa invisibilidade intencional conjugada ao esquecimento das ações do Estado é visualizada por Salomão (1984, p. 48), em análise histórica da garimpagem na Amazônia, como preponderante na consolidação da sociedade garimpeira neste território amparada em regras de comportamento e em princípios éticos aceitos pela comunidade calcados nas relações de confiança e informalidade como os grandes equilibradores das relações de produção (Salomão, 1984, p. 48).

Compreender o processo de formação da sociedade garimpeira e as trajetórias dos sujeitos que compõem esse grupo é fundamental para o traçado de um entendimento das práticas consensuadas internamente nesta formação social. Para subsidiar a análise nesta perspectiva, as categorias de indivíduo e pessoa pensadas por DaMatta (1997) como base dos sistemas de relações na sociedade brasileira servem de argumentação teórica para explicar condutas elaboradas na garimpagem.

DaMatta (1997) a partir da expressão “sabe com quem está falando?” percebe na sociedade brasileira a relação dialética de indivíduo e pessoa ocorrendo de modo simultâneo, diferentemente das sociedades Estadunidense que privilegia a relação baseada no indivíduo e da Indiana que nega o individualismo em prol da relação pessoal. O autor, analisa também a oposição casa e rua, sendo a casa o espaço de relações pessoais e a rua no âmbito das práticas individualizantes. DaMatta (1997) vê na sociedade brasileira, mesmo estruturada hierarquicamente, valorização às relações pessoais em detrimento das individuais, daí a constituição do jeitinho brasileiro, do apadrinhamento, da busca por sucesso, como práticas culturais para driblar a impessoalidade legal e estabelecer contatos pessoais para tratamento diferenciado perante regras generalizantes.

No entanto, como bem tratado pelo autor, sujeitos que não possuem os atributos para constituírem relações personalizadas diante do estado de direito são postos à invisibilidade, constituídos na condição de massa social e

relegados à marginalidade. Percebe-se esse processo marcado nas trajetórias dos trabalhadores do garimpo, a maioria proveniente de mundos de relações campesinas extremamente pessoalizadas e que necessitaram, em dada etapa da vida, sair desses espaços para obterem garantias dignas de sobrevivência. As histórias individuais se entrecruzam nesses processos, compartilham pobreza, dores, sentimentos de pessoas obrigadas ao desenraizamento dos laços pessoais a transitarem para condição de indivíduo, pautados por projetos (Velho,1994) de melhoria de vida no intuito de tornarem-se pessoas nas elaborações das relações sociais.

Verifica-se conexão, num primeiro momento, entre os projetos políticos de ocupação do território amazônico, baseado no mito da terra sem homens, aos projetos individuais de melhoria de vida dos narradores, melhoria essa marcada pela busca material que nos espaços natais eram precárias. Sujeitar-se a largar os locais de origem e, com isso, laços afetivos, relação de compadrio, parentesco, foi circunscrito por violências físicas e simbólicas perversas cicatrizadas na vida desses homens. Toim narra que veio jogado em um navio do governo. Carlos Matos relata fome e pobreza. Jovêncio conta da violência que sofreu na infância e tendo que sustentar-se aos treze anos de idade. Esses relatos nos dão amplitude subjetiva das sujeições passadas por esses trabalhadores e dão base às motivações ao aceite do abandono dos laços pessoais a adentrarem a relações individualizantes e precárias.

Nesse processo, o garimpo, mesmo conhecidamente como marginalizado e de condições vulneráveis de trabalho, conecta-se aos intuítos desses homens como meio de produção capaz de lhes propiciar a constituição de riqueza para transformação do status social, sair da condição de indivíduo para a de pessoa nos termos de DaMatta (1997).

Na garimpagem, a representação social para essa transformação é o bamburro, ao bamburrar recai sobre o garimpeiro uma série de representações de prestígios e lhe é solicitado comportamentos condizentes ao momento de prosperidade, reproduzidos principalmente via gastos extravagantes em espaços de lazer com raparigas, bebidas, carros. Não basta bamburrar, é preciso mostrar-se bamburrado. Carlos Matos lembra-se das vezes que viu garimpeiro, para mostrar que tinha ouro, contratar dois táxis para sair do cabaré, um para si e o outro para levar somente o chapéu. Outra

memória compartilhada entre os senhores foi a de um episódio ocorrido com um famoso garimpeiro bamburrado, Zé Arara. Em uma viagem desse senhor ao Rio de Janeiro ele foi impedido de embarcar em avião comercial por estar trajando bermuda e, insatisfeito com a situação, comprou um avião particular para fazer a viagem.

Conheci um garimpeiro que fazia farra com ouro. Dei conselho demais. Quando eu montei esse barzinho lá, ele foi um dos beberrão do meu bar, Zequinha o nome dele. O pai dele era dono do posto onde parava as voadeiras. Ele gastava demais. Eu e minha mulher, que já estava lá nesse tempo dizíamos para ele: “Zeca, tu gasta demais rapaz. Se tiver trinta, quarenta, cinquenta, bebe tudo a tua custa e tu só fazes mandar somar as contas das mesas e paga tudo”. Ele pagava mesmo. Eu dizia para ele, Zeca, vou te falar uma coisa, não estou dizendo que tu vá precisar, mas pode acontecer, que isso se some e esses amigos que estão ajudando a acabar o que tu tem, aí tu não vai achar nenhum que pague uma dose de cachaça para ti. Mas é muitos que acontece, tem deles ai que não tem uma casa na vida, mas é porque gastavam... Um aqui que foi dono daquele terreno onde foi o “Paulistão”. Ele bamburrou, chegou, comprou dois carros. Sei que o homem era coberto de ouro, via aquele monte de menina bonita e dizia: “A que me der um beijo eu dou um cordão”. Quem é que não queria ganhar um cordão? Um dia eu vi umas quatro meninas, cada uma puxar um cordão dele, ele dava para elas. Tinha muito, mas acabou em nada. Não tem futuro (Sr. Toim, dez/2017).

Bourdieu (1997) ao analisar os gostos, estilos de vida, percebe no consumo pelo menos três estruturas de distinção: alimentação, cultura e despesas para apresentação de si. O autor (Ibidem,1997, p.180) atenta também como os modos de consumo estão atrelados ao delineamento de identidades masculino e o feminino, bem como, as diferenciações entre classes e como os “usos do corpo, *mais insignificantes na aparência*, estão depositados os valores mais profundos do grupo e suas “crenças” mais fundamentais. Em um trecho do relato do senhor Toim é possível identificar certa pressão do grupo para o portar-se como garimpeiro.

Nunca gastei meu dinheiro à toa. Não dava para gastar mesmo. Garimpeiro chegava e dizia: “Porra Toim, tu só quer ser colonheiro mesmo, não quer ser garimpeiro. Não te vejo com uma pulseira de ouro, com cordão de ouro, nem nada, o que é isso rapaz?”. Digo, rapaz, o meu não dá. Minha despesa é grande, eu estou dando conta da minha família. Se eu não tivesse dando conta eu podia comprar o que eu quisesse, mas eu não gastei o que é meu à toa de jeito nenhum. Gastei com família mesmo (Sr. Toim, dez/2017).

Essa postura de um modo ser garimpeiro pode ser percebida também na fala de Jacinto quando relata que os garimpeiros chegavam contando fofoca dizendo que usavam era “pano caro” como marcador de distinção a outros grupos sociais. Essa maneira de portar-se é tão forte que teve peso significativo à decisão de vários trabalhadores a optarem pelo modo de produção garimpeira para sustento.

Há relatos de garimpeiros que ostentavam com ouro mesmo sem ter condições. Jovêncio, Jacinto e Zé Luis narraram várias situações de homens gastarem todo o saldo da sua produção com mulheres e bebidas e depois arrependem-se breçados, sem provisões para mandar à família. Jovêncio, cruza a relação do modo de consumo garimpeiro ao fato da, grande maioria desses trabalhadores, na atualidade, encontrarem-se breçados, pobres, circunstância expressada na frase “puxando uma cachorra”.

A vida de garimpeiro não é fácil não. Garimpeiro que gostava de fazer muita fofoca. As vezes não chegava com quase nada, chegava com ourinho de passar uma semana apertado, mas era fofoqueiro e dizia que estava estribado²⁷, mas não tinha era nada. Cansei de gente dizer que garimpeiro ganhava dinheiro fácil. Não, não ganhava não. Era um dinheiro suado. (Sr. Jacinto, Ago/2017).

Rapaz, eu vi peão gastando de ponta a ponta. Peão entrava na boate com cem gramas, quando era de manhã ele estava urrando. Tanto ele dava como roubavam dele. De manhã o cara fechava o buteco e o cabra dizia: -“Não. Fecha as portas que a despesa é por minha conta”. Fechava as portas e os que estavam lá dentro bebiam tudo por conta dele. Dizia: “Eu ganho outro ouro!”. Mas dava lá para as tantas o cabra gritava: “Acabou as 100g de ouro, não tem mais”. No outro dia estava triste e dizia: “Rapaz, porque que eu fiz isso, gastei meu ouro” (Sr. Zé Luiz, Out./2017).

Aliás, o extremo oposto ao prestígio do bamburro é o brefo, situação na qual o garimpeiro encontra-se sem dinheiro, forçado a condição do não consumo, sendo um dos fatores de maior sofrimento aos homens, pois perdem o valor enquanto sujeitos e fragilizam as relações e as possibilidades de identidade do ser masculino. Essa pode ser uma das explicações para a incessante busca pelo bamburro e, com isso, o constante trânsito da população garimpeira entre garimpos. Vários foram os relatos de garimpeiros que mesmo cometidos com malária, ao escutarem a fofoca de determinado garimpo, caíram no trecho em direção ao espaço afamado em busca de bamburrar.

²⁷ Estar com bastante ouro ou dinheiro.

Carlos Matos, expressa tal situação em sua narrativa ao rememorar o retorno ao garimpo ainda adoentado de malária: “voltei porque garimpeiro é abestado, o cara está com o papo batendo de malária, escuta que em lugar tal está dando um ourinho bom e ele volta de novo”.

A respeito do brefo como fator social de desvalorização, desprestígio do garimpeiro enquanto sujeito, é expresso de forma densa no relato do senhor Zé Luís que expõe a relação ambivalente (Koury, 2014) elaborada na memória acerca do modo de vivenciar o território garimpo.

Muito bom o garimpo, mas quando está dando ouro, quando não está dando ouro a gente passa muita necessidade, muita humilhação. Vai aos donos das cantinas e o cabra ainda gozam da cara: “Ei rapaz, esse teu ouro jamanxim é de comprar fiado”. O cabra fala para comprar alguma coisa e o cara não está vendendo. O cabra volta com a mão na frente outra atrás. Aí você vai desmontar capa de bomba pra lavar e fazer 1g, 2g de ouro para poder atender. Outras vezes lava só o bocal e forma 1g, 1,5g aí compra o que quer comprar e desaparece enquanto tira o barranco. É uma vida boa e uma vida ruim (Sr. Zé Luiz, Out./2017).

Essa oposição brefo e bamburro é demarcada de maneira pulsante nos relatos e marcam significativamente as memórias, dado ao fato, do contado com vários garimpeiros que foram ricos, verdadeiramente bamburrados com inúmeras posses no passado estarem, no presente, pobres. Esse elemento produz reflexão entre o grupo para explicações do porque essas pessoas não conseguiram levar para a velhice as condições materiais necessárias para tocar uma vida tranquila. Explicações cambiantes entre uma dimensão mítica do ouro como um dinheiro amaldiçoado ao garimpeiro como um sujeito sem uma formação/ conhecimento e controle financeiro, foram elaboradas para dar conta da sucessão de falências e a condição de extrema precariedade de boa parte desses trabalhadores na velhice, sobrevivendo apenas com os rendimentos da aposentadoria.

A gente fica assim pensando, porque tem muitas pessoas que dizem que o dinheiro de garimpo é amaldiçoado. Eu não acho que o dinheiro de garimpo seja amaldiçoado. Eu acho que o garimpeiro não sabe administrar o que ele ganha. Dificilmente vai uma pessoa sábia para o garimpo, só vai para o garimpo pessoas que não sabem nada. Ele não sabe fazer uma economia para no futuro ter alguma coisa. Esse é o grande problema. Os garimpeiros não são pessoas estudadas, que possuem formação. Hoje, dificilmente você ver um garimpeiro bem de vida. Conheci um senhor, ele foi muito amigo meu, na época que eu trabalhava no garimpo eu comprava muito no comércio dele. Ele tinha dois comércios grandes no garimpo e foi um dos maiores compradores de ouro na região. Mas ele brefou rápido,

cheguei a ver ele aqui em Santarém e ele não tinha nenhuma bicicleta para andar. Um tempo desses, a última notícia que eu soube dele, foi através do meu filho que mora em Manaus. Ele me falou: “Eu vi fulano aqui. Sabe de quê ele vive aqui? Ele está vendendo tomate na rua em um carrinho de mão”. (Sr. Jacinto, Ago/2017).

Babi: Olha, eu trabalhei com Nilson Pinheiro, naquela época a gente não pegava em ouro, trabalhava e recebia em dinheiro. Foi um dos homens mais ricos daqui, que pegou mais ouro aqui no Tapajós e acabou-se. Foi prefeito ali em Juruti. Mas hoje se ele não trabalha em vida pública acho que ele já se liquidou. Tem nada, nada, nada.

João: Esse povo que pegou muito ouro não tem nada.

Babi: Trabalhei lá no Marupá de sócio com Zé Arara, lá no Saia Verde. Ele foi rico, muito rico, depois que caiu foi de uma vez e nunca mais se aplumou.

João: Olha rapaz, o Tito mesmo na casa ele tinha o cofre de com seus dez quilos de ouro. Mas andava arrastando uma cachorrinha velha aí, quase morrendo de fome (Babi e João Maranhense, Ago/2017).

4.2 “No garimpo o cabra tem que ser macho”: solidão, masculinidade, trabalho e violência.

A respeito da masculinidade, percebe-se nos discursos como a construção da identidade masculina perpassa por várias dimensões da vida social no garimpo e conduz aos modos de ser e agir do homem nos espaços da garimpagem. Para Oliveira (2004), a masculinidade é um ideal societário reificador da identidade do agente no grupo. O autor, define a identidade como “empreendimento paradoxal pela qual o agente afirma sua personalidade por signos, comportamentos e condutas sustentadas pela prática coletiva”.

Nesta perspectiva, a masculinidade é um modo de identidade coletiva reforçada nos processos sociais ou o que Oliveira (2004) chama de vivências interacionais masculinas, compreendidas pelo autor como:

Experiência ou situação de vida realizada em interações com outros agentes e orientadas por uma significação social de sentido estruturador para as identidades, que é a masculinidade, constituída no e pelo socius como lugar simbólico de sentido estruturante. Elas devem ser apreendidas numa relação intersubjetiva em que o agente

é impulsionado para a noção daquilo por ele interpretado como sendo culturalmente legitimado (OLIVEIRA, 2004, p. 247).

O autor (ibidem, 2004), defende a masculinidade como estrutura na perspectiva bourdiesiana, não como uma estrutura fixa e determinada a priori, mas sim como estrutura estruturante, onde o agente apreende simbolicamente a masculinidade nas disposições sociais e é capaz de reelaborar e transformar essa estrutura, daí o fato da identidade masculina estar em processos constantes e dinâmicos de transformação.

Oliveira (2004), chama atenção para o fato de a masculinidade ser um ideal social e estar integrado a esse imaginário compartilhado coletivamente significa, para o sujeito, ocupar posição de prestígio dentro do grupo. Isso se replica em condutas, “práticas sociais transformadas em honra, boa imagem, capital simbólico” tido como atributos positivos perante o coletivo. A busca por uma identidade masculina de prestígio trás à tona outra questão abordada por Koury (2014), a de que o processo de constituição do masculino é forjado sob medos e fobias em relação aos semelhantes, outros homens, ou dessemelhantes, a identidade oposta, o gênero feminino. Portanto, é preciso constantemente provar os atributos da condição masculina de sujeito corajoso, forte, insensível, disposto às provações da vida cotidiana. O desequilíbrio ao status ideal do grupo reflete-se em estigmas sociais ao sujeito que irromper ao padrão indenitário hegemônico.

As narrativas nos dão pistas para compreensão do imaginário e os processos de socialização ou vivências interacionais (Oliveira, 2004) das qualidades, condutas, ações para ser homem no garimpo. Como dito, a identidade masculina perpassa por diversas dimensões sociais da vida no garimpo e o trabalho é uma dessas instâncias, pois “o trabalho não é um fim em si mesmo, ou mesmo se orienta somente para o propósito econômico, ele extrapola esses sentidos carregando consigo funções sociais simbólicas” (Bourdieu, 1977, p. 23).

Os relatos revelam o reconhecimento generalizado da faina garimpeira como extremamente pesada e sofrida, porém o modo de encarar a labuta requer um posicionamento ideal masculino, narrado pelos senhores via a constituição do termo “cabra macho”, aquele capaz de encarar o trabalho nos

baixões ou no mergulho sem reclamar do serviço ou desistir, mesmo sendo penoso e incorrendo riscos à própria vida.

O oposto ao ideal de cabra macho é o “cabra mole” ou “peão mole”, atributo de estigma ao garimpeiro devido ao distanciamento à tipificação masculina. No espaço de trabalho, essa caracterização é objetivada via ações de morosidade, indisposição para a labuta, ações moralmente não aceitas dentro do grupo garimpeiro e que, coloca o sujeito, numa condição de marginalidade e discriminação. Portanto, a forma de expressão da identidade masculina no trabalho marca posição do sujeito, imputando sobre ele tensões de positivities e negatividades perante o reconhecimento dos pares do grupo social.

Sofrer o cabra sofre muito, sofre bem. O povo tem um dizer assim quando o cabra chega com um ourinho bom lá do garimpo: rapaz lá é muito fácil!. Ele vá lá pra ele ver quanto é que custa, né. Esse é o que é o negócio de garimpo. (João Maranhense, jun/2017).

As concepções de força, virilidade e coragem, são elementos sociais presentes na elaboração da identidade masculina do homem garimpeiro. As demonstrações de fraqueza são desaprovadas coletivamente, mesmo quando esta é motivada por doença. Carlos Matos, 52 anos, narra que quando o peão estava abatido de malária no barraco, extremamente fraco, os outros trabalhadores direcionavam falas ao sujeito ainda vivo no sentido de dividir os seus pertences, já contando com sua morte. No entanto, apesar da indiferença elaborada nos discursos, como modo de testar os predicados masculinos, as narrativas nos conduzem a percepção de laços de confiança e ajuda mútua nos espaços de trabalho, principalmente, nos momentos de enfermidade de um trabalhador, na promoção da segurança nas áreas de extração e como ponte de conexão com a família distante para levar notícias e recursos financeiros.

Esse ponto é discorrido por Jacinto ao rememorar um tempo em que havia possibilidade de confiança nas pessoas. Essa memória foi conduzida de forma comparativa em relação ao momento de vivência atual na cidade, que para ele é mais violenta que o garimpo. Lembrara que no início da sua trajetória como garimpeiro ficou sem ver a família, mulher e filhos, por três anos, fato agravado pela comunicação precária, tanto nos espaços do garimpo

como na localidade dos seus entes. No entanto, contara que nunca deixou de enviar os recursos providenciais à família nesse período, como diz ele, cansou de mandar ouro por pessoas que nunca tinha visto antes, somente no momento de embarque da aeronave, mas que confiava que chegaria às mãos da esposa.

Tinha o rádio amador que a gente podia se comunicar com a família, mas o grande problema não era eu ir lá, mas sim para a família, porque onde a gente morava não existia esse negócio de rádio. Era interior também. Lá não tinha rádio, não tinha telefone, não tinha nada. Correio também não tinha se não dava de mandar uma carta. A comunicação era ruim, só quando ia algum conhecido que a gente mandava alguma notícia e alguma coisa também. Era lago que eu achava muita vantagem naquela época, era que eu cansei de mandar dinheiro para casa por pessoas que eu via acabar de entrar no avião que ia para cidade ou local perto da família, e que a gente nem conhecia e perguntava: “Você leva isso aqui em casa” e a pessoa: “Levo. Qual seu endereço?”. Só dava o endereço e uma cartinha com dinheiro dentro e a pessoa levava. Eu achava muita vantagem. Naquele tempo era assim, hoje já não pode mais confiar...Eu me lembro que eu cheguei da corrutela para mandar um dinheiro para casa e procurei dele se dava para ele levar um dinheiro para mim. Ele disse: “Dá. Onde é que você mora?”. Peguei dei a ele, já estava com a carta feita. Ele disse: “Pode ficar tranquilo que eu levo”. Ele levou e entregou. Tinha essas facilidades, as pessoas eram de confiança (Sr. Jacinto, Ago/2017).

As narrativas revelam outra importante dimensão social da vida garimpeira, pela qual também perpassa a masculinidade como norteadora de práticas e condutas sociais. Essa dimensão é a violência. Todos os narradores relataram diversos episódios de crimes, brigas e assassinatos, tocaias, dando pistas às diferentes motivações às ações violentas e estratégias de sobrevivência no espaço da garimpagem.

A relação da identidade masculina e as condutas de violência apresenta a construção de um forte senso de honra elaborado e apreendido socialmente pelo homem do garimpo. A própria prática da violência é verificada como adjetivo da identidade do homem garimpeiro, representando simbolicamente garantia de respeito por meio do medo em várias relações e negociações. Identificam-se também as práticas violentas como reequilibradoras quando a honra é rasurada, pondo o sujeito em condições vergonhosas, mal vistas perante o coletivo, sendo a única forma de restauro dessa honra o cometimento de crime.

Os depoimentos de Babi e João maranhense refletem a primeira situação. Os senhores discorrem sobre o processo de transformação do sujeito ao sair das relações vivenciadas na cidade ao adentrar à sociedade garimpeira, narram como ele torna-se brabo, brabeza descrita diferentemente daquela associada ao conhecimento do trabalho, mas sim como postura violenta adquirida com o passar do tempo imerso nas relações sociais da garimpagem.

João: Só perversidade. Eu tenho um dizer assim, o cabra quando tá aqui ele é um caboclo manso, pode ser bem mansinho, mas quando ele chega lá dentro ele fica brabo.

Babi: O cabra que passa de três anos sem baixar ele fica brabo

João: Não sei o que é que cutuca nele. E fica valente mesmo, moço.

Babi: eu conheci um no Crepori, mansinho rapaz. Voltei para o Arariquera depois de muitos anos, ele trabalhava com draga. Rapaz, esse homem estava brabinho. Um dia ele matou um dos caboclos lá e tirou o “fato” (tripa), para jogar na água e não boiar. Eu em cima de uma balsa mais o compadre Luizão, eu disse: Rapaz, vamos tirar o fígado daquele Porcão, aí nós trouxemos para lá, rapaz vinha a perna dum peão dentro de um saco desse de mica grande, que no garimpo sempre usa, aí o pé do cabra vinha. Rapaz, joga o fato desse infeliz. Nós jogamos.

João: Violência nesses garimpos houve demais.

(João Maranhense e Sr. Babi, jun/2017).

Em referência ao reequilíbrio da honra, uma série de episódios de assassinatos e brigas foram relatados. Babi cita um acontecimento ocorrido no garimpo do Abacaxi, situação na qual um parceiro matou o outro por esse ter visto sua esposa nua no momento do banho.

Nós éramos quatro, acabou o café, né, rapaz, era pertinho ir na corrutela, vamos disputar na porrinha, o que perder é o que vai. Ai nós disputamos, aí lá um perdeu, o Boca Perdeu. O Boca pegou o caminho, só que no caminho tinha uma mulher tomando banho, quando a mulher viu ele virou de frente e ficou de frente, ficou achando graça. Ai ele chegou contando, eu falei, Boca, isso não é coisa de se chegar contando, a mulher tem marido porra!. “Mas se ela se mostrou todinha foi porque ela quis, rapaz”. Na hora do almoço o marido dela chegou, o apelido dele era Cipó. Eu falei: - Cipó, pega um prato aí bora almoçar. Ele falou: - Não, não, quero não. Eu disse: senta. – Não, não vou sentar.

Rapaz, quando demos fé ele atirou no camarada assim pertinho, “tá!”. É porque eu não tenho mais essas fotos, faz muito tempo, mas esse camarada ficou assim com a língua na folha. Esse barranco era do Raimundo Inácio. (Babi, jun/2017).

Outra situação apresentada, em que houve o macular da honra masculina, é referenciada pela expressão “rodar peão” e ocorre na relação

entre os gêneros feminino e masculino. Tedesco (2014) ao analisar como se dá essa prática a percebe “como interdição máxima no código de conduta que orienta o bom relacionamento entre homens e mulheres”. As narrativas informam como se procede e se conduz a negociação entre homens e as mulheres prostitutas dos cabarés.

Caso tenha sido, acertado contrato prévio do encontro entre um garimpeiro e uma mulher, aquele que porventura descumpra a negociação é imputado a arcar com todas as despesas de consumo da parte em prejuízo. Porém, quando o descumprimento parte do homem a pena é somente de cunho financeiro, já quando a quebra de laço parte da mulher é acionada a expressão “rodar peão” e o peso punitivo é muito mais árduo, pois, em muitos casos, há castigos físicos ou mesmo subtração da vida dessa mulher que incorre nesta interdição.

O relato do senhor Alonso explicita como procede os acordos entre mulheres e homens nos cabarés das corrutelas e como se dão as sansões às rupturas a estas negociações.

Nós estávamos dentro do garimpo, tinha aquelas mulheres que estavam lá já mais do que repassadas. Aí o cara dizia: “Chegou uma avionada de mulher! Nós vamos ficar até tal hora aqui, vamos combinar logo para o final de semana com a fêmea lá”. Aí subia para corrutela, via lá a mulher que se agradava e dizia: “Olha, vou ficar contigo sábado eu venho para cá. Não fica com ninguém. Pode me esperar que eu venho”. Se ele não fosse, ela não ficava com ninguém e a despesa dela, ele pagava todinha. Era obrigado a pagar. Mas também se ele fosse e chegasse lá e ela tivesse com outro, ele bebia, farreava, pintava saramanta e ela ia ter que pagar a despesa dele todinha. Às vezes ainda pegava um pote, uma cadeia, prisão feita toda com arame, cercada com pau. Socava ela lá dentro, como se fosse um bicho (Sr. Alonso, Out/2017).

Carlos Matos coloca, que em algumas situações, o “rodar peão” possui a dimensão de traição amorosa. Os relatos informam que essa ação ganha esse patamar quando a mulher engana um garimpeiro por outro com intuito de maiores lucros ao avaliar que o homem no qual fez o acordo inicial não possui tanto poder de compra ou por afeição afetiva por outro peão. Nessas circunstâncias, há uma forte ranhura e desequilíbrio da honra do peão rodado perante o coletivo e o reequilíbrio se dá por ações de violência deste

em relação à mulher e ao homem com o qual ela ficou. Porém, percebe-se que os atos do reestabelecer da honra são direcionados com maior intensidade sob o feminino.

Eu cheguei um dia no São Domingos, numa boate pequena. Chegou um peão, conversou com uma mulher e saiu com ela para o rumo do quarto. Mas chegaram até a porta porque ela disse que não ia mais com ele. Não demorou, quando voltou ela já estava com outro peão. Ele disse: “Olha, vou lá ao baixão e já volto”. Voltou. Ele veio com uma arma 16 milímetros. Quando chegou, ela estava deitada mais o outro peão, ele olhou, viu o pé dela. Ele meteu a boca da dezesseisona e atirou. Ela nem gritou. O tiro comeu o pé dela todinho, mas ela não morreu. Quando foi de manhã pegaram ela e a trouxeram para Santarém, mas o pé dela não prestou mais. Tem muita gente ignorante no mundo! Lá, parece que quando o cabra está há muito tempo ele fica tirado, não sei o que acontece. Pode ser a pessoa mansinha que seja, mas chega ali dentro e passa muito tempo ele fica irado demais. (João Maranhense, jun/2017).

Percebe-se que a prática de “rodar peão” causa desprestígio também para cabaré no qual é realizada a ação. Babi relatou uma situação que um dono de um prostíbulo por interpretar que a mulher a qual tinha contratado para atuar como prostituta não estava lhe dando retorno como o esperado e mandou executá-la. Esta só não morreu porque conseguiu fugir para o mato.

Na corruptela, dia de sábado era carregado, domingo. Porque aparecia os valentes e cada qual tinha o revolver e ai ficava todo mundo brabo. Não era muito manso não. Agora uma coisa era certa. A mulher que contratava de dormir com um homem não ia dormir com outro, tinha que ser com aquele ou então nada. Agora se ele fosse ele pagava a noite dela. Isso era assim que faziam. Se ela rodasse, ela apanhava demais menino. Daqui foi uma mulher lá paro o Butica, paro Lotero e lá ela arrumou um xodozinho e devia passagem paro o Lotero. Ele mandou foi matar. Ela entrou no mato e foi varar lá no nosso barraco, quando chegou lá tiveram pena dela e vieram com o Lotero para pagar o que ela devia e mandar ela de volta. Foi assim que ela veio. Adalziza o nome dela (Babi, jun/2017).

A partir das narrativas, é possível compreender como a interação entre identidades masculino/ feminino são manuseadas de forma vertical nos espaços de garimpo. Claramente, a mulher é um ser sujeito ao homem, principalmente as mulheres dos cabarés, pois amplificam a condição vulnerável, sendo expostas a outras formas de violências simbólicas e físicas. Para melhor entendimento das questões da posição da mulher, prostituição,

redes de migração em espaços garimpeiros ver Tedesco (2014); Araújo (2017)²⁸.

A respeito do desprestígio imputado à casa de prostituição em que ocorre o “rodar peão”, cheguei a conversar com uma senhora que foi dona de diversos cabarés no garimpo. Ao tentar compreender melhor sobre essa conduta, percebi que a relação da entrevista tinha se rompido no instante que realizei pergunta a respeito do tema. A resposta dela foi exclamativa: “No meu cabaré mulher não rodava peão!”. A partir daí as falas para qualquer outro assunto foram monossilábicas. Dei um jeito de encerrar o diálogo, pois se estabeleceu incomodo ao narrador.

A memória sobre a violência nas áreas de garimpo extrapola as motivações baseadas em violações da honra. Em várias situações, foram descritas estratégias de tráfego nas áreas do garimpo, como criar informações desconhecidas sobre os dias de saída do espaço de trabalho para visitar a família, maneiras de lidar com os parceiros de trabalho, esconder o ouro extraído e a alta incidência da prática de pistolagem. Segundo os narradores, muitas vezes, os próprios patrões, os donos das áreas de exploração, contratavam pistoleiros para tocaiar trabalhadores na mata com intuito de tomar o ouro que possuíam.

Às vezes, é até mandado pelo patrão. A gente não vai dizer quem foi e quem não foi. Eu não vou dizer porque eu estava lá no garimpo e fulano, fulano matou. Tem muita gente viva por ai que me conhece e eu não vou abrir a boca. Mas eu trabalhei nesses garimpos e era desse tipo, até o patrão mandava matar o peão para tomar o ouro todo de volta para ficar só para ele. O cara que morre lá dentro do garimpo eles não levam para corrutela, ou levam para dentro do mato para os bichos comerem, para onça comer ou se estiver na beira da caixa do curimã, enterra lá no curimã²⁹. Cava o curimã e joga ele lá dentro e empurra o curimã por cima, que é molinho. Aquilo é só uma areia lavada, joga tudo lá. Muitas vezes até na cabeça da caixa. É muito perigoso o garimpo, é muito bom, mas é muito perigoso (Sr. Jovêncio, Fev./2016).

²⁸ Artigo “Fronteiras e circulação: a dinâmica de mobilidade de brasileiras no Suriname e o comércio do sexo”, publicado nos anais do Encontro Internacional América Latina, 2017. (falta ano, número... enfim..artigo).

²⁹ Barro/resíduo retirado do barranco processado pela caixa. Segundo os garimpeiros, o curimã é utilizado para cobrir outro barranco já escavado.

Essas condutas revelam a elaboração entre os garimpeiros, mesmo com a ambivalência entre a confiança e a desconfiança, as práticas estratégicas de sobrevivência nos espaços de garimpo situada ao que Koury (2004) denomina de cultura do medo, prática que instala “uma barreira invisível que separa as pessoas e as isolam e as fazem temer tudo e todos e nunca confiarem no outro (KOURY, 2004, p.5).” A expressão “garimpeiro é bicho desconfiado”, mencionada de maneira recorrente pelos sujeitos, como a conduta da desconfiança, do estar atento, não demonstrar medo diante de adversidade, conduz-nos a essa percepção de maneira cristalizada.

Identificou-se também, que há entre garimpeiros, donos das cantinas, pilotos, uma rede de contatos muito eficiente de controle e vigilância coletiva de crimes que ferem as regras éticas e morais do grupo. O roubo, principalmente o de ouro, enquadra-se nessa categoria. Nos espaços garimpeiros, há uma máxima de que “no garimpo não existe ladrão”. Os garimpeiros Babi e Jovêncio ao narrarem essa expressão relataram logo na sequência uma situação de crime, de latrocínio com posterior articulação da comunidade para investigar, capturar e julgar o acusado. A sentença se deu com o assassinato do possível criminoso.

Babi: Em garimpo não existe ladrão. O cara mexeu num ouro por lá, não tinha polícia. O pessoal combinava: “Rapaz, vamos descobrir quem é?” “Vamos!”. Ai descobriram. É fulano! Fizeram uma churrascada, naquele tempo do espeto de alumínio, ai o cara chegou para churrascada e pegaram ele. Furaram bem.

João: Mas meu amigo e foi ligeiro. De espeto, com espeto mesmo. Aquele foi embora ligeiro. Um dia eu vinha, estava num barranco assim, não sei se tu chegou a conhecer, era um morenã. O outro ia passando e ficou olhando para ele trabalhando lá no barranco. Ele só pegou o revólver 38 assim, aguentou e pá! Bem na barriga do peão. Só perversidade.

Babi: Para morrer pedindo água. (Babi e João Maranhense, jun/2017).

Outro episódio narrado por Babi e João Maranhense demonstra com maior clareza a articulação entre diversos atores com intuito do controle e vigilância de práticas criminosas rechaçadas pelo grupo garimpeiro.

Babi: O último mergulho que eu dei, trabalhando assim numa balsa, tinha uma outra balsa parada assim, acima de uma onde nós *tava*. Ai chegou dois mergulhador querendo trabalho, ai foi lá pra balsa. Só tinha um que tomava conta da balsa, ai ele ficou muito animado porque ele queria trabalhar e chegou mais dois mergulhador e dava pra trabalhar. Ai rapaz, o cara que estava guarnecendo a balsa foi o que desceu, quem desce é os que chega. Nesse instante que ele estava mergulhando os cara olharam o que ele tinha na bolsa. Chamaram ele, na hora que ele vinha subindo já estavam com a marreta. Na hora que ele foi metendo a cabeça fora da água o cara enfiou na cabeça dele. Marretada na cabeça!

Fizeram isso e desceram, pra uma pista por nome Mucuí. Como não tinha avião lá eles ficaram esperando avião. Rapaz, quando o dono da balsa foi levar a bóia que não viu ninguém ele suspeitou logo, né. – Mataram porque o rapaz não me larga. Aí convocou aquele bocado de gente e desceram nas voadeiras. Ai chegaram lá, nessa pista do Mucuí e ficaram lá bebendo cerveja, bem devagarzinho. Não demorou, chegou um dos cara, ai pegaram ele. Ele levou onde estava o outro e pegaram o outro. João, é porque o compadre Luís não está aqui. Levaram ele para o outro lado do rio pra eles cavarem a cova deles. Eles é quem sabia a fundura que queria ficar enterrado. Deram fim desses dois peãozinho.

João: Eh meu Deus!

Babi: Eu não fui lá porque eu não gosto de ver homem humilhado.

João: Eu canso de dizer assim. Eu fui um cara de muita sorte, nunca me meti assim em boança de jeito nenhum. (Babi e João Maranhense, jun/2017).

Em relação aos episódios narrados podemos abrir diálogo com Velho (s.d) ao apontar para as consequências no padrão de sociabilidade, segundo o autor, base constitutiva da vida social, em contextos sociais de ampla generalização da violência. Para Velho, nessas circunstâncias se amplifica a cautela, a desconfiança ou mesmo a rejeição às possibilidades de contatos e interações sociais.

Velho (s.d) ao falar da violência orienta seu olhar para o espaço urbano das grandes cidades e identifica que ações rotineiras como ir ao shopping, cinema, teatros tornam-se “operações cercadas de precauções e de elaboradas estratégias que envolvem desde a organização de verdadeiras expedições coletivas” (Velho, s.d, p.2) e que para transitar nesses espaços, criam-se práticas, mapas socioculturais, elaborações de sociabilidade

em função do medo da violência. Apesar de não estarmos falando do mesmo contexto, a percepção construída por Velho se articula para pensarmos as produções de sociabilidade elaboradas nos espaços garimpeiros ao pensarmos a respeito sobre as estratégias narradas de saída do garimpo para a cidade, da decisão de ir à corrutela nos dias avaliados como menos perigosos, no trato com os parceiros de trabalho e nos próprios acordos coletivos de promoção da segurança das áreas de exploração.

Esse recorte analítico de elaboração de sociabilidade em contextos violentos mostra-se potente para um maior aprofundamento para reflexão dos fenômenos e práticas sociais elaborados nos espaços garimpeiros.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada situa-se em fase inicial de investigação. No entanto, revelou-se potente ao apresentar possibilidades de questões teóricas a serem abordadas para entendimento mais minucioso e sistemático a respeito da organização social garimpeira na região Amazônica.

Das conclusões depreendidas, uma delas é a visualização do modo de produção da garimpagem potencialmente atrelado às trajetórias de pessoas marginalizadas de outros contextos sociais. Identificou-se forte adesão de migrantes vindos de diversas cidades do nordeste brasileiro. Dos nove participantes, somente dois são do Pará. Seu Alonso, nascido em Santarém e Seu Luiz, da cidade de Santa Maria das Barreiras. Os demais vieram em processos migratórios sob várias justificativas. Seu Toim e o Sr. Babi vieram da cidade de Frecheirinha, Ceará. Do Maranhão, vieram Carlos Matos, da cidade de Vitorino Freire, Jacinto, de Timbira, João Maranhense e o Sr. Jovêncio. Mas sabe-se também da forte participação de piauienses e baianos na atuação em lavras garimpeiras na Amazônia.

É importante ressaltar que as políticas estatais de ocupação territorial praticada pelo governo Vargas e posteriormente nos Governos

militares serviu de estrutura para essas migrações. As narrativas revelam diversas etapas de migração antes da entrada ao trabalho de exploração mineral e também, processos de sofrimento, trabalho pesado, pobreza como elementos em comum nas histórias.

Inicialmente imaginava-se a dimensão do trabalho para os garimpeiros como principal norte para o recorte analítico, porém no transcurso do trabalho etnográfico visualizaram-se outras dimensões importantíssimas para melhor refletir a organização social garimpeira.

Percebeu-se a relações sociais garimpeira hegemonicamente atravessada pela identidade masculina. Diversas condutas, posturas e elaboração dos modos de ser e agir no garimpo são acionados a partir de uma tipificação ideal do homem garimpeiro, norteadas reproduzidas no como se portar simbolicamente perante a labuta árdua, a necessidade de demonstrar coragem, força.

Identificou-se também o sentimento de honra pautado por princípios da identidade masculina. Verificou-se inúmeras práticas de violência como assassinatos, brigas, ameaças conduzidas como meio de reequilíbrio da honra masculina maculada. Foi expressa a categoria “rodar peão” como para informar um código de interdição nas negociações entre garimpeiros e as mulheres dos cabarés. Várias narrativas pontuaram sobre a relação de inferioridade da figura feminina e como quando esta causa ranhuras à honra do homem pode ser violentamente penalizada.

Aliás, a violência ocupou destaque importante nas memórias dos ex-garimpeiros ao relembrares da vida no garimpo. Não só episódios conectados à rupturas da honra de um homem, mas também à violência de pistolagem, tocaias para o roubo do ouro extraído pelo trabalhador e uma rede de controle entre os próprios atores, garimpeiros, cantineiros, pilotos, para o controle e vigilância da área contra ações tidas como criminosas pelo grupo. Foram relatados situações de investigação, captura e sentença contra quem foi acusado de ferir o código moral da sociedade garimpeira. Verificou-se que a prática de roubo é veementemente rechaçada e sanção para quem incorre é a morte.

Outro ponto que se abre como questão é a concepção de consumo para o garimpeiro, acionada nas narrativas pelas reflexões da incapacidade em gerenciar os recursos obtidos na época de trabalho. Inúmeros foram os nomes citados de homens que bamburraram, ou seja, ficaram ricos com a garimpagem, mas que depois perderam tudo, e, morreram ou estão na velhice pobres.

As questões analíticas percebidas no processo deste trabalho serão ampliadas e aprofundadas em uma próxima investigação, em nível de mestrado, no Programa Pós-Graduação de Ciências da Sociedade, no qual o pesquisador ingressou em 2017. Na próxima etapa, pretende-se realizar trabalho de campo na cidade de Itaituba, município com conexão muito próxima à economia do ouro nos dias atuais e por ser um polo estratégico para se chegar a inúmeros garimpos da região do Alto Tapajós.

6.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aramburu, Mikel. Aviamento, modernidade e pós-modernidade na Amazônia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 25, ano 9, 1994.

Becker, Bertha K. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Editora Garamond, 2004.

Becker, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Zahar, 2008.

Bosi, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial 2003.

_____. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos** / Eclea Bosi. 3.ed. São Paulo

Bourdieu, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Usos sociais da ciência**. Unesp, 2003.

_____. **A distinção crítica social do julgamento**. Edusp, 2007.

_____. **Argelia 60: estructuras económicas y estructuras temporales** - la ed. - Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2006. P.168.

Brasil. **Lei A lei nº 7.805, de 18 de julho de 1989**. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7805.htm. Acesso em: 12 de dez. de 2017.

Candau, Joel. **Antropologia da Memória**. Coleção: Epistemologia da Memória. Instituto Piaget, 2005.

Carvalho, L. G. “**Dor de balateiro é igual à de mulher esquecida**”: memória dos balatais do Pará. *Vivência Antropológica*. n.42, 2013. P 89 – 100.

_____. **Relações de trabalho nos balatais do Pará**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 373-400, jan./jun. 2013

Cleary, David. **A garimpagem de ouro na Amazônia – Uma abordagem Antropológica**. Tradução de Virgínia Rodrigues Malm, do original inglês “Anatomy of the Amazon Dold Rush” de 1990. Edição Brasileira: UFRJ, 1992. 237p

Clifford, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**/ James Clifford; organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

Cordero, Mayra Chárriez. **Histórias de vida: una metodología de investigación cualitativa**. Revista Griot (ISSN 1949-4742). Vol. 5. Número I, Dquezembro de 2012

Da Matta, Roberto. "**Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.**" *Rio de Janeiro, Rocco* (1979).

Durkheim, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

Da Silva Neto, Nirson Medeiros. **Carvoeiros e Quebradeiras de coco babaçu: a transformação do extrativismo de coco babaçu nas Terras do Araguaia - Tocantins**. Novas Edições Acadêmicas, 2014.

Diógenes, Glória. **Histórias de vida: desafios de um método**. In: Cultura e Subjetividade. Mauro Guilherme Pinheiro Koury, Jacob Carlos Lima, Theophilos Rfiótis (Organizadores). João Pessoa. Ed. Universitária/UFPB, 1996.

Evans-Pritchard, E. "E. 2007. “Tempo e Espaço”, em _ Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo Nilota." 107-150. : ESTUDOS - Vol. 53. Editora: Perspectiva, 2013.

Halbwachs, Maurice. **A memória coletiva**; traduzido do francês La memorie collective - 2º Ed, Press Uniersitaires de France, Paris, França, 1968, Tradução de Laurent Léon Schffter

Hernández, Katia Susana Moreno. **El método historia de vida: alcances y potencialidades**. <https://www.gestiopolis.com/tema/otros-temas/>. Acesso em 01/01/18

Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. **Estilos de Vida e Individualidade: escritos em antropologia e sociologia das emoções**. Curitiba: Appris, 2014

_____. **Cultura da violência e o medo do outro: observações sobre medos, violência e juventude no Brasil...** Revista de Antropología Experimental número 4, 2004. Universidad de Jaén (España)

Loureiro, Violeta Refkalefsky; Pinto, Jax Nildo Aragão. **A questão fundiária na Amazônia**. Estudos Avançados 19 (54), 2005

Nora, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, dez., 1993.

Oliveira, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004, 347p.

Pollak, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 2, n. 3, 1989, p. 3 - 15.

Salomão, Elmer Prata. **O ofício e a condição de garimpar**. In: *Em busca do Ouro*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1984.

Secreto, Maria Verônica. "A Ocupação dos" **Espaços Vazios**" no Governo Vargas: do" **discurso do Rio Amazonas**" à saga dos Soldados da borracha." *Revista Estudos Históricos* 2.40 (2007): 115-135.

Tedesco. Letícia da Luz. **No trecho dos garimpos: Mobilidade, gênero e modos de viver na garimpagem de ouro amazônica** / Letícia da Luz Tedesco. Amsterdam, 2015.

Thompson, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Velho, Gilberto. **Trajectoria individual e campo de possibilidades**. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a

_____. "Observando o familiar." *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar (1978): 36-46.

_____. Violência: uma perspectiva Antropológica.
http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/gilbertovelho.htm#_edn1. S.d. Acesso em 26 de maio de 2018.

7.0 GLOSSÁRIO

Azougue: Mercúrio

Balsa: forma de exploração mineral no garimpo que utiliza chupadeira montada no leito do rio e é operada por mergulhadores

Barranco: área de trabalho e extração mineral no garimpo.

Brabo: refere-se ao garimpeiro inexperiente, mas também ao homem valente, violento.

Caixa: equipamento por onde passa o cascalho enviado pelas bombas. Essa tecnologia é forrada com carpete injetado porções de mercúrio para que o ouro fique agarrado.

Cantina: loja do garimpo

Capa do lacrau: São as raízes e paus que se encontram na superfície da lavra.

Corrutela: São pequenas vilas próximas aos espaços de extração de ouro. Nesses locais ficam os cabarés, as cantinas, as pistas de pouso.

Curimã: barro/resíduo retirado do barranco e já processado pela caixa.

Bateia: recipiente de madeira ou metal, de fundo cônico, onde cascalho, minério ou aluvião são revolvidos, em busca de pedras e metais preciosos.

Brefo: Representa estar sem dinheiro, pobre.

Bamburrar: escavar barranco rico em ouro; ficar rico no garimpo.

Despescagem: processo de retirada e lavagem do ouro preso ao saco de sarrapilha ou carpete.

Entariscar: processo de colocação de pequenas de talas na caixa para que a água com cascalho desça em casacata.

Estribado: Estar com bastante dinheiro.

Fagulhos: Grãos de ouro. O garimpeiro Zé Luiz comparou um fagulho de ouro ao olho de um mosquito.

Jamanxin: Utensílio feito de cipó títica para carregar carga (farinha, sal, óleo, peixe etc.)

Lagreza: Solo referencia para indicar até onde há o cascalho com ouro. De acordo com os garimpeiros é um barro mole e quando chega na lagreza não tem mais ouro pra baixo.

Manso: garimpeiro experiente e também calmo nas relações cotidianas

Peão: trabalhador garimpeiro

Peão Rodado: Trabalhador que não encontra trabalho ou que foi enganado por prostitutas

Peula: pequena pá utilizada para tirar o barro do barranco.

Reco: ato de procurar ouro em material já processado. Geralmente esta ação é realizada quando o garimpeiro encontra-se brefado.

Torozão: Chuva forte